

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
*Campus* de Três Lagoas  
Programa de Pós-Graduação em Letras

CARLOS VINÍCIUS DA SILVA FIGUEIREDO

***O DIREITO AO GRITO:***  
**A HORA DO INTELLECTUAL SUBALTERNO EM CLARICE**  
**LISPECTOR**

TRÊS LAGOAS - MS  
2009

CARLOS VINÍCIUS DA SILVA FIGUEIREDO

***O DIREITO AO GRITO:***  
**A HORA DO INTELECTUAL SUBALTERNO EM CLARICE**  
**LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos Literários  
Linha de Pesquisa: Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Cezar Nolasco

Três Lagoas  
Programa de Mestrado em Letras da UFMS  
2009

Figueiredo, Carlos Vinícius da Silva  
O direito ao grito : a hora do intelectual subalterno em  
Clarice Lispector / Carlos Vinícius da Silva. 2009.  
111 p. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Fundação Universidade  
Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três  
Lagoas, 2009.

1. Subalternidade intelectual. 2. Clarice Lispector.  
I. Figueiredo, Carlos Vinícius da Silva. II. Fundação  
Universidade de Mato Grosso do Sul - Câmpus  
de Três Lagoas. III. Título.

CDD 410



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras: Estudos Literários**

Dissertação intitulada “*O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*”, de autoria do mestrando Carlos Vinícius da Silva Figueiredo, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Edgar Cezar Nolasco - DLE/CCHS/UFMS  
Orientador

---

Profª. Dra. Alexandra Santos Pinheiro – FACALE/UFMS

---

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino- DED/CPTL/UFMS

---

Prof. Dr. ROGÉRIO VICENTE FERREIRA  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras  
UFMS-CPTL

Três Lagoas, 14 de agosto de 2009.

A minha mãe Donizetti Benedita da Silva Figueiredo  
(*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela explosão da vida.

À minha família, Carlos, Sonia e João Vitor, fonte da vida e da alegria que me deram sustento todos os dias.

À Francieli, por estar sempre ao meu lado.

Aos amigos, simplesmente amigos, estreitamente unidos apesar da distância, da pequena rua Embú em Jales.

Aos amigos da PDA, Paulo, Danilo, Paulo e Betinho.

Ao grande responsável por minha caminhada acadêmica, Professor Edgar César Nolasco, um exemplo de determinação e paixão pela pesquisa, um amigo único.

A pessoas como Ricardo Sobreira e Marcos Cintra, incentivadores e conselheiros de um sonhador.

À professora Nena, sempre disposta a ouvir-me e a dialogar com meus textos; o professor Paulo Nolasco, um intelectual que realmente representa a Universidade brasileira; ao professor Wagner Corsino, amigo e exemplo de vida; à professora Alexandra Pinheiro pela leitura cuidadosa do trabalho, às Professoras Vânia Guerra, Celina Nascimento e Marlene Durigam, pessoas que acreditaram em mim.

À PROPP, pelo apoio e incentivo a pesquisa.

*Porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito  
puro e sem pedir esmolas.*

Clarice Lispector

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. *O direito ao grito: A hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, 111 f. (Dissertação de Mestrado)

## RESUMO

Por meio da trajetória de uma nordestina vivendo no Rio de Janeiro, a autora Clarice Lispector, utilizando-se da voz de um narrador homem, que também é um escritor, reflete sobre questões de escrita, sobre o contexto e uma nova proposta acerca do papel do intelectual. Dessa forma, o objetivo central desta dissertação é contribuir para o debate teórico-crítico sobre os Estudos da Subalternidade. Estudos esses que visam questionar o colonialismo teórico dos grandes centros e dar voz e lugar àqueles que são silenciados pelo poder hegemônico; tendo como pano de fundo a obra literária e a vida da intelectual Clarice Lispector. Para cumprir tal proposição, percorremos um difícil caminho, marcado pela escassez de materiais traduzidos e pouco difundidos em nosso país. Há de se deixar claro, todavia, o quanto essa teoria nos ajuda a refletir sobre questões culturais e sociais existentes no contexto latino-americano e que, por sua vez, pode contribuir para a análise das obras literárias. A análise parte do texto literário enquanto matéria discursiva cultural e trata de forma específica das questões sociais e culturais que permeiam a obra. Trata-se como problema de pesquisa o questionamento do lugar e papel do intelectual na contemporaneidade. Nossa tese é a de que *A hora da estrela* (1977) constitui a biografia intelectual da ficcionista Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: Subalternidade; Intelectual; Clarice Lispector.

## ABSTRACT

Through the path of a Northeasterner living in Rio de Janeiro, the author Clarice Lispector uses a narrator man's voice, that is also a writer, to contemplate on writing subjects, bringing an entire reflection on the context of the time and a new proposal concerning the intellectual's objective of that time. In this way, the main objective of this work is to contribute to the theoretical debate about the Subaltern Studies focusing in the life and book of the intellectual Clarice Lispector. The research hypothesis is to question that Clarice Lispector was, in some way, concerned with the political and cultural movements that were happening, to the point to observe such events in the construction of her histories, turning them in a more realistic stamp. It is aimed to discuss the intellectual's paper of Clarice Lispector front to the literary production and its reflex through the society. Our thesis is that the book *The hour of the Star* (1977) constitutes the fictionist's Clarice Lispector intellectual biography.

Key-words: Subalternity; Intellectual; Clarice Lispector.

## SUMÁRIO

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO:</b> Literatura e política em Clarice Lispector.....              | 11  |
| <b>CAPÍTULO I</b> – Estudos Subalternos: uma introdução.....                    | 18  |
| 1.1 Teoria do subalterno: o sul asiático.....                                   | 20  |
| 1.2 Teoria do Subalterno na América Latina.....                                 | 31  |
| <br>                                                                            |     |
| <b>CAPÍTULO II</b> – O intelectual subalterno em <i>A hora da estrela</i> ..... | 50  |
| 2. <i>A hora da estrela</i> e o Brasil de 70.....                               | 58  |
| 2.1 O projeto do intelectual subalterno Rodrigo S.M./Clarice Lispector .....    | 62  |
| 2.2 O direito ao grito do subalterno em <i>A hora da estrela</i> .....          | 68  |
| 2.3 O intelectual subalterno Rodrigo S.M. ....                                  | 76  |
| <br>                                                                            |     |
| <b>CAPÍTULO III</b> - Uma biografia (auto) ficcional de Clarice Lispector ..... | 86  |
| 3. Relação vida x obra em <i>A hora da estrela</i> .....                        | 87  |
| 3.1 Rodrigo S.M. é Macabéa que é Clarice Lispector .....                        | 94  |
| <br>                                                                            |     |
| <b>5- CONCLUSÃO:</b> A hora do subalterno na cultura brasileira .....           | 100 |
| <b>6-REFERÊNCIAS</b> .....                                                      | 107 |

## LITERATURA E POLÍTICA EM CLARICE LISPECTOR

Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir "arte", senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era fazer alguma coisa, como se escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele e, sem me surpreender não consigo escrever. Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, p.217.

O objetivo central desta dissertação é contribuir para o debate teórico-crítico acerca dos Estudos da Subalternidade,<sup>1</sup> tendo como objeto de reflexão a obra literária e a vida da intelectual Clarice Lispector. Para cumprir tal proposição, percorreu-se um difícil caminho, marcado pela escassez de referências bibliográficas traduzidas e pouco difundidas em nosso País. Há de se deixar claro, todavia, o quanto essa teoria nos auxilia a refletir sobre questões culturais e sociais existentes no contexto latino-americano e que, por sua vez, pode contribuir para a análise das obras literárias.

Centra-se, a pesquisa, no estudo de problemas atuais, figurativizados em obra também contemporânea e, mais do que isso, na articulação de temáticas que tocam o País e o mundo. Acrescente-se que o texto de Lispector sugere um debate político e social, colaborando para a diluição de certezas e submetendo as instituições a uma séria crítica.

Mas, por que Clarice Lispector? Porque em sua última obra despontam personagens cujos comportamentos e cujo discurso projeta uma realidade social e cultural singular, em que a autora expõe sua própria face diante da história, “porque há o direito ao grito,”<sup>2</sup> enfrentando questões como a da injustiça social brasileira e diferenças culturais gritantes, como se a escritora

---

<sup>1</sup> Estudos da subalternidade correspondem a uma visada teórica que procura dar voz e lugar àqueles que estão excluídos da cultura hegemônica ou fora do mundo letrado. Tal teoria e conceituação serão especificamente tratadas no capítulo I “Estudos Subalternos: uma introdução” deste livro.

<sup>2</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.13.

necessitasse exteriorizar suas angústias e frustrações a respeito da problemática social e intelectual brasileira.

Lispector apresenta, nas breves páginas do livro *A hora da estrela* (1977), sua resposta àqueles que a caracterizavam como excessivamente hermética, dando uma gargalhada a todo saber instituído, todo conceito canônico, mormente o de Literatura, rediscutindo uma nova prática de leitura cultural. Importa mencionar que aqui estamos pensando na autora que escreve a partir do final da década de 1960 e cujo projeto intelectual sofre uma guinada significativa que não pode ser desconsiderado pela crítica.

Dessa forma, parece que os censores de direita e os militantes de esquerda não conseguiam enxergar a mensagem contestadora e transformadora de Lispector, visto não estarem preparados para entender que o poder do sujeito se condensa em sua percepção do simples-puro, e que é por intermédio dessa percepção que as transformações podem acontecer.

Nesse aspecto, surge o questionamento: por que Estudos da Subalternidade? Porque tal referencial teórico possibilita compreender, de maneira mais pertinente, o “balbucio,”<sup>3</sup> nas palavras de Hugo Achugar (2006), daqueles que não têm voz nem lugar na sociedade contemporânea e que são excluídos dos grandes centros letrados. Nosso livro tem, pois, ainda, um caráter introdutório, enveredando por uma teoria que tem muito a contribuir para o debate no interior da universidade brasileira.

De acordo com John Beverly (2004), a perspectiva subalternista conduz à possibilidade de nova política interpretativa, que possibilita sair das amarras europeia e americanista, dando vida ao embate entre o latino-americanismo e a hegemonia americana, desenvolvendo novas perspectivas para seus povos.

---

<sup>3</sup> Apropriamo-nos do conceito de Hugo Achugar no livro *Planetas sem boca* (2006), mas pelo avesso, expressando a tentativa de se dar voz / ouvir os marginalizados.

Isso explica o fato de a análise deste livro partir do texto literário como matéria discursiva cultural e tratar de forma específica as questões culturais e sociais que permeiam a obra, em que se busca ouvir o grito latino-americano na afirmação de sua cultura local. Um saber local representado por seus próprios intelectuais, libertando-se de um colonialismo teórico que vem caracterizando, há anos, os caminhos da crítica e da teoria literária.

Toda a história que percorremos durante nosso trabalho é acompanhada “pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado e um narrador que sabe que escrever é duro como quebrar rochas”, pois “voam faíscas para todos os lados.”<sup>4</sup>

Tal rufar de tambor também acompanha o desenvolvimento deste texto, não como o citado por Lispector nos tempos de repressão, mas um tambor que marca o tempo e a necessidade de questionamento acerca de uma nova leitura sobre a identidade cultural brasileira e, por extensão, latino-americana.

Insistimos pensar na articulação proposta neste livro, em que se procura ouvir o que ficou, em parte, silenciado na História oficial, com relação aos excluídos, correspondendo, metaforicamente, em “saber” ouvir/escutar o balbúcio do tambor que, a seu modo, não silenciou as reflexões de Lispector sobre o contexto da década de 1970 e o regime militar instaurado no País.<sup>5</sup>

Clarice Lispector apresenta-nos a personagem Macabéa, uma retirante alagoana, um substantivo coletivo, representante de uma grande massa que vem tentar a sorte no sul do País. Juntamente, o narrador-escritor Rodrigo S. M. que se diz no dever de contar a história da moça, como tantas outras.

Para o narrador-escritor:

---

<sup>4</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.22.

<sup>5</sup> O contexto histórico da década de 1970 será abordado no II capítulo “O intelectual subalterno em *A hora da estrela*”.

[...] como a nordestina há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. E não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam.<sup>6</sup>

A personagem Macabéa “nascera inteiramente raquítica, com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas,”<sup>7</sup> foi para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo e, finalmente, chegou ao tão sonhado Rio de Janeiro, para trabalhar como datilógrafa. Trata-se de uma personagem ao quadrado, uma vez que, Lispector cria um homem para criá-la.

Arrolada essa breve contextualização, Rodrigo S. M. torna pública a história de sua anti-heroína Macabéa, que, por sua vez, é uma personagem subalterna, posicionando-se enquanto intelectual que cumpre seu papel social.

Assim, acreditamos que a rubrica dos Estudos da Subalternidade, em diálogo crítico com o livro de Lispector, permite que o momento de maior lucidez crítica e intelectual da escritora seja visto, ainda que ela estivesse o tempo todo, de alguma forma, preocupada com os movimentos políticos e culturais que estavam acontecendo, a ponto de tirar proveito de tais fatos para a construção de suas histórias. Talvez, por isso mesmo, suas últimas obras, a exemplo de *A hora da estrela*, tenham um estilo mais “realista.”<sup>8</sup>

Reconhece-se, entretanto, que isso não impede que o seja lido em seu livro, ainda que não fosse uma preocupação da própria Clarice, considerando-se o contexto da década de 1970, tomado pelo autoritarismo do regime militar e a biografia da autora. O referencial teórico

---

<sup>6</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.14.

<sup>7</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.28.

<sup>8</sup> Toma-se o termo realista sob a perspectiva teórica de Antonio Candido, quando o conceitua como um “realismo feroz” em seu texto “A nova narrativa”. Para Candido, o realismo feroz “corresponde à era de violência urbana em todos os níveis do comportamento. Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social - tudo abala a consciência do escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado.” CANDIDO. *A educação pela noite*, p.212.

escolhido nos permite compreender melhor o grito reivindicado pelo intelectual Rodrigo S. M., enquanto marginalizado e sem classe social, segundo ele mesmo. Enfatizamos tal pensamento, pois é aí que se encontra a questão nodal de nossa reflexão, uma vez que encaramos Rodrigo S.M. como um intelectual subalterno e por extensão os personagens que habitam a obra de Lispector como um todo.

Asseveram, tal proposição, as palavras de Edgar C  zar Nolasco, quando esse pesquisador afirma que “a literatura de Clarice erige-se apontada para a insatisfa  o do mundo. Movida por uma técnica pessoal, a linguagem clariciana tenciona a realidade, no sentido de se exaurir dentro do texto.”<sup>9</sup> Talvez, seja, por isso, que os textos da escritora venham realmente a chegar a uma representa  o em que o real é confundido com o ficcional, e vice-versa, tanto em sua obra quanto na sua vida. É por aqui, também, que o traço biográfico mais se mostra para a sociedade, especialmente quando lembramos que o livro *A hora da estrela* (1977) pode ser lido como a biografia ficcional da escritora, posto que sua narrativa traz, em pano de fundo, a história da família Lispector, metaforizada na história dos foragidos macabeus judeus. Essa temática será desenvolvida no terceiro capítulo deste livro.

Dessa forma, buscamos articular a forma  o de um referencial teórico sobre os Estudos da Subalternidade e, por extensão, “demonstrar” esse conhecimento    análise do texto literário de Clarice Lispector. Para tanto, o trabalho encontra-se dividido em três capítulos.

No primeiro, intitulado *Estudos Subalternos*: uma introdu  o, discutimos o conceito de subalternidade pela perspectiva teórica proposta pelo Grupo Sul-Asiático e compartilhada pelo Grupo Latino-Americano de estudos da subalternidade. Esse capítulo tem por objetivo explanar sobre a origem, desenvolvimento e objetivos dos estudos da subalternidade e, por sua vez, contribuir para a forma  o de uma fonte bibliográfica para futuras pesquisas, pelo menos no

---

<sup>9</sup> NOLASCO. *Restos de fic  o*, p.45.

âmbito da crítica brasileira sobre o assunto, uma vez que só muito recentemente vem se discutindo aqui sobre tal conceito. A referência teórica está em Ranajit Guha (1988), em seu livro *Selected Subaltern Studies*, Gayatri Chakravorty Spivak (1988), em seu texto seminal “Can the subaltern speak”, de John Beverley (2004), no livro *Subalternidad y Representación*, de Walter Mignolo (2003), em *Histórias locais/Projetos Globais*, e Alberto Moreiras (2001), com *A exaustão da diferença*, entre outros. O capítulo perpassará pelo questionamento proposto por Spivak em seu texto “Podem os subalternos falar?” e chega à discussão da hegemonia cultural americana na América-Latina e de que forma o “balbucio” cultural e intelectual dos subalternos poderá ser ouvido.

O segundo capítulo, intitulado *O intelectual subalterno em A hora da estrela*, percorre uma análise acerca do intelectual Rodrigo S. M., personagem que narra a história da pobre nordestina Macabéa, visto aqui como intelectual subalterno, o capítulo procurará definir também, sob a rubrica de pesquisadores, como Edward Said (2005), Jean Paul Sartre (1994), Silviano Santiago, Beatriz Sarlo (2005), entre outros, a possibilidade de reflexão sobre o intelectual e sua função/papel na sociedade. É certo que tal discussão contribuirá para uma concepção que toma a produção intelectual de Lispector não mais como “alienada” e “hermética”<sup>10</sup>, mas, sim, como uma escritora que cumpriu seu papel social e cultural, transformando-se em uma intelectual à frente de seu tempo. Em virtude de seu posicionamento crítico, a intelectual contribui para a desmistificação e dissolução de ideologias utópicas com relação ao intelectual brasileiro e latino-americano, vislumbrando, dessa forma, uma nova visão sobre ou um novo perfil de intelectual na contemporaneidade. Postulamos ser porque se inscreve a figura de intelectual subalterno em Clarice Lispector, tendo em Rodrigo S. M. nosso melhor exemplo.

---

<sup>10</sup> Dizemos isso diante da crítica redigida por Álvaro Lins ao livro *Perto do coração selvagem*, quando diz: “Li o romance duas vezes, e ao terminar só havia uma impressão, a de que ele não estava realizado, a de que estava incompleto e inacabada a sua estrutura como obra de ficção. LINS. *Os mortos de sobrecasaca*, 1963.

O terceiro capítulo, *Uma biografia (auto)ficcional de Clarice Lispector*, explora a hipótese de que a obra *A hora da estrela* é uma espécie de biografia ficcional da escritora Clarice Lispector, o que culmina na relação vida *versus* obra, buscando a aproximação e o enfrentamento entre a escritora e suas personagens Macabéa e Rodrigo S. M. Valemo-nos, para esta discussão, do que propõem os estudos da crítica biográfica, particularmente do que têm discutido os autores: Eneida Maria de Souza (2002) e Edgar Nolasco (2007).

Com isso, o que se propõe aqui é uma análise que envolve etnia, gênero, classe social marginalizada e excluída da cultura hegemônica do País e do mundo, a exemplo da mulher pobre, nordestina, marginalizada e órfã, Macabéa.

Isso posto, a relevância deste livro se revela em seu caráter inovador, que analisa a figura e o lugar do intelectual, não como detentor cultural, inalcançável, provido de *intelligentsia*, conceito elitista e fechado que se assina sob a rubrica de Cultura nos dias atuais, propondo uma releitura dessa figura no mundo contemporâneo. A leitura da obra de Lispector nos leva ao encontro do (não) enfrentamento atribuído ao seu papel enquanto intelectual, muitas vezes, deixado de lado pela crítica, mas que representou magistralmente a realidade do País. Melhor dizendo: a boa crítica clariciana privilegiou uma Clarice moderna, quando, conforme sinaliza sua produção da década de setenta, vamos encontrar uma autora que gargalha da Clarice anterior, por ser modernista demais. Claro que, ali, Lispector só estava sendo fiel aos seus precursores, embora tal fidelidade não perdurasse por todo o decorrer de seu projeto intelectual.<sup>11</sup> Afora isso, a contribuição de nosso trabalho está justamente em encarar uma obra canonizada sob a rubrica de uma perspectiva totalmente nova, questionando até que ponto conseguimos reivindicar o “nosso” direito ao grito.

---

<sup>11</sup> Ver NOLASCO. *Caldo de cultura*, particularmente o capítulo II, intitulado “Intelectual? Não”.

É assim que a realização deste trabalho, além do incentivo à pesquisa, presta uma homenagem aos 30 anos da morte da escritora (2007) e aos 30 anos de lançamento do livro *A hora da estrela*, que continua atualíssimo, tanto na teoria quanto na prática da cultura brasileira.

# CAPÍTULO I

## Estudos Subalternos: uma introdução

*Nós não temos palavras para falar sobre nossa opressão, nossa angústia, nossa amargura e nossa revolta contra o esgotamento, a estupidez, a monotonia, a falta de sentido de nosso trabalho e de nossa vida [...]. E nós não temos palavras para dizer tudo isso porque a classe dominante monopolizou não apenas o poder da tomada de decisões e da riqueza material; eles também monopolizaram a cultura e a linguagem.*  
André Gorz

Antecedentes meus do escrever? sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, p.18.

O objetivo deste capítulo é contribuir para o debate crítico acerca da subalternidade, cuja temática tem sido estudada de forma sistematizada, na América Latina, pelo Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos que, por sua vez, mantém um diálogo teórico-crítico com o Grupo Sul-Asiático, ressalvadas as diferenças históricas, culturais e sociais que marcam os respectivos povos e locais.

Do Grupo Latino, sobressaem os críticos John Beverly, Robert Carr, Jose Rabasa, Ileana Rodriguez, Javier Sanjines, como os fundadores desse grupo em 1992; já, do Grupo Sul-Asiático, evidenciam-se Ranajit Guha, Gayatri Spivak e Dipesh Chakrabarty.

O termo “subalterno”, do latim *subalternus*, significa ‘aquele que depende de outrem: pessoa subordinada a outra’. Neste estudo, tomamos “subalterno” como expressão que se refere à perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica; daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado, bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico.

## 1.1 Teoria do subalterno: o sul asiático

A expressão “subalterno” começou a ser utilizada nos anos 1970, na Índia, como referência às pessoas colonizadas do subcontinente sul-asiático, e possibilitou um novo enfoque na história dos locais dominados, até então, vistos apenas do ponto de vista dos colonizadores e seu poder hegemônico. Emergiria, assim, o nome “subalternidade” que, de nome abstrato, teria seu sentido deslocado para certa concretude e visibilidade.

Os estudos subalternos, dessa forma, começaram no início dos anos de 1980, com o indiano Ranajit Guha,<sup>12</sup> como uma intervenção na historiografia sul-asiática, enquanto se tornava um modelo para o subcontinente e, rapidamente, possibilitaria uma séria crítica ao pós-colonialismo.<sup>13</sup> Alguns pensadores, como Ranajit Guha e Gayatri Spivak, utilizam o termo “subalterno” para se referir a grupos marginalizados; grupos esses que não possuem voz ou representatividade, em decorrência de seu *status* social. Cabe dizer que se trata de um atributo geral relacionado à subordinação da sociedade, em termos de classe, casta, idade, gênero e trabalho.

É válido lembrar, então, que uma importante prerrogativa para o desenvolvimento do Grupo de Estudos Subalternos Sul-Asiáticos foi reescrever a trajetória da Índia colonial de um distinto e separado ponto de vista, o das massas, promovendo uma história alternativa com

---

<sup>12</sup> Ranaj Guha editou *Subaltern Studies I-VI* (1982-89). Suas publicações incluem *A Rule of Property for Bengal: An Essay on the Idea of Permanent Settlement* (1963, 1982, 1996), *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India* (1983), e *Dominance without Hegemony: History and Power in Colonial India*. Tem atuado como professor e pesquisador em várias universidades da Índia, Inglaterra, Estados Unidos e Austrália.

<sup>13</sup> Pós-colonialismo refere-se a um discurso intelectual que reúne um grupo de teorias ancoradas na filosofia, ciência política e literatura; tais teorias são reações contra o legado colonial. Esse arcabouço teórico lida com a literatura produzida em países que foram colônias.

relação ao discurso oficial dos historiadores que se inscreviam na ideologia de suas alianças políticas com a *raj inglesa*.<sup>14</sup>

Gayatri Chakravorty Spivak,<sup>15</sup> no texto seminal “Can the subaltern speak?”, também conhecida por seu empenho na questão da subalternidade, aponta para o termo “subalterno”, não apenas como uma palavra clássica para o oprimido, mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o “subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é.”<sup>16</sup>

Spivak traz à tona a dualidade do termo representação, entre o “falar por” e a “representação,”<sup>17</sup> afirma a autora que dois sentidos de:

[...] representação estão correndo juntos: representação como “falar por”, como na política e representação como “re-presentar” como na arte ou filosofia. Uma vez que a teoria também é apenas ação, o teórico não representa o (falar por) dos grupos oprimidos. [...] Estes dois sentidos de representação dentro da formação do estado e da lei, por um lado, e a predição do sujeito por outro, estão relacionados, mas irredutivelmente descontínuas.<sup>18</sup>

A condição de subalternidade é a condição do silêncio, para Spivak, ou seja, o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. Por um lado, observa-se a divisão internacional entre a sociedade capitalista regida pela lei imperialista e, por outro, a impossibilidade de representação daqueles que estão à margem ou centros silenciados.

---

<sup>14</sup> British Raj refere-se à dominação inglesa no subcontinente indiano entre os anos de 1858 e 1947, na região conhecida como Índia na contemporaneidade possui áreas diretamente administradas pelo Reino Unido.

<sup>15</sup> Gayatri Chakravorty Spivak é uma crítica literária e teórica Indiana. É conhecida mundialmente por seu artigo “Can the subaltern speak?”, considerado um texto de fundação do pós-colonialismo. Atualmente é professora e pesquisadora na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos.

<sup>16</sup> Todas as traduções deste livro são de responsabilidade do autor. SPIVAK., Can the subaltern speak?, p.275.

<sup>17</sup> SPIVAK. Can the subaltern speak? p.275.

<sup>18</sup> Two senses of representation are being run together: representation as “speaking for”, as politics, and representation as “re-presentation” as in art or philosophy. Since theory is also only “action”, the theoretician does not represent (speak for) the oppressed group. [...] These two senses of representation-within state formation and the law, on the one hand, and in subject-predication, on the other-are related but irreducibly discontinuous. SPIVAK. Can the subaltern speak? p.275.

Sobressai aí o questionamento instigante de Spivak: podem os subalternos falar? Para tanto, propõe-se a produção de uma história que represente a narrativa da verdade dos subalternos. Contribuem, para essa discussão, os questionamentos de John Beverly, que se encontram no livro *Subalternidad y representación* (2004), o qual será detalhado adiante.

De acordo com Spivak (1988), escrevemos como povos que tiveram a consciência formada como sujeitos coloniais e, negar isso, seria negar nossa história. Daí a autora analisar como o tema do terceiro mundo é representado pelo discurso ocidental do primeiro mundo e de que forma a produção do intelectual ocidental está atravessada pelos “interesses econômicos internacionais,”<sup>19</sup> interpostos às leis do projeto imperialista que sufoca os marginais e não lhes dá “permissão para narrar,”<sup>20</sup> razão do projeto, de Spivak e de outros pesquisadores, propor rever a historiografia da Índia colonial pela perspectiva de uma cadeia descontínua das insurreições camponesas durante a ocupação colonial.

Nesse contexto, o diálogo marcado com Ranajit Guha, ressalta que:

A historiografia do nacionalismo indiano tem sido dominada por um longo tempo pelo elitismo, colonialismo elitista e elitismo da burguesia nacionalista, [...] nacionalismo este que compartilha o preconceito do desenvolvimento de uma consciência nacionalista que por sua vez confirma o processo de avanço exclusivamente ou predominantemente da elite. Nas historiografias colonialista e pós-colonialista, os avanços são atribuídos a governantes coloniais ingleses, administradores, polícia, instituições, e cultura; enquanto nas obras nacionalistas e pós-nacionalistas, são atribuídas as personalidades da elite Indiana, instituições, atividades e idéias.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> SPIVAK. Can the subaltern speak? p.271.

<sup>20</sup> Expressão utilizada por Edward Said.

<sup>21</sup> The historiography of Indian nationalism has for a long time been dominated by elitism-colonialist elitism and bourgeois-nationalist elitism... shar[ing] the prejudice that the making of the Indian nation and the development of the consciousness-nationalism-which confirmed this process were exclusively or predominantly elite achievements. In the colonialist and neo-colonialist historiographies these achievements are credited to British colonial rulers, administrators, policies, institutions, and culture; in the nationalist and neo-nationalist writings-to Indian elite personalities, institutions, activities and ideas. GUHA, *apud* SPIVAK. Can the subaltern speak? p.283-284.

De acordo com Carvalho (2001), estudioso da obra de Spivak, a perspectiva teórica mais importante da pesquisadora indiana passa, também, pelo próprio hibridismo identitário que ela mesma faz questão de manifestar. Ao tratar do trabalho de Spivak, afirma que:

Seu projeto teórico-político se relaciona com a sua necessidade biográfica de desfazer o duplo lugar de fala subalterna que lhe foi imposto desde a infância, como mulher numa nação colonizada.<sup>22</sup>

Spivak interessa-se em propor uma releitura sobre o que é tido como verdade e transportar esse debate para outro lugar, discutindo a capacidade do subalterno de representar-se. Dito de outra forma, teorizar quais são as possibilidades do subalterno de se subjetivar autonomamente.

Spivak (1988), na esteira de Derrida, reflete sobre o perigo da apropriação do outro pela assimilação, chamando a atenção para a reescrita da utopia estrutural. Por essa perspectiva, toma-se como verdade o que é dito pelo outro, fazendo que tal discurso fique enraizado na consciência do mais fraco; sinteticamente, trata-se de ouvir “a voz do outro em nós.”<sup>23</sup> Ou seja, a representação do subalterno está atravessada pela hierarquia opressora dominante.

Para a crítica indiana, “no primeiro mundo, sob a padronização e regimentação do capitalismo socializado, embora pareça não ser reconhecida por eles.”<sup>24</sup> Evidencia-se, pois, o afastamento do centro com relação aos marginais, intrinsecamente enraizado no modo de viver e pensar daqueles que não podem falar, de que vai derivar o questionamento: os subalternos poderão falar em um mundo que não lhes dá o direito à voz? Arriscamo-nos aqui a dizer que não, pois são esquecidos e postos à margem do poder. Daí a necessidade de se reconceituar a relação

---

<sup>22</sup> CARVALHO. O olhar etnográfico e a voz subalterna, p.4.

<sup>23</sup> [...] the voice of the other in us. SPIVAK. Can the subaltern speak? p.308.

<sup>24</sup> [...] in the First World, under the standardization and regimentation of socialized capital, thought they do not seem to recognize this. SPIVAK. Can the subaltern speak? p.283.

entre Nação, Estado e povo. Cabe enfatizar que é nesse questionamento que se centra a proposta dos estudiosos subalternistas.

Spivak (1988) privilegia, em seu trabalho, o projeto feminista, refletindo sobre a consciência da mulher subalterna. Uma vez posta à margem da sociedade no contexto da produção colonial em que o homem é o dominante, a mulher subalterna não tem história e não pode falar, sendo colocada às sombras. A pesquisadora afirma que tal reflexão sobre a mulher não pode ser reduzida a uma mera questão idealista, uma vez que ignorar o debate acerca da mulher subalterna seria um gesto apolítico que, ao longo da história, tem perpetuado o radicalismo masculino. Dessa maneira, na busca por aprender a falar (ao invés de ouvir ou falar por) historicamente, “o assunto emudecido da mulher subalterna é sistematicamente esquecido pelo intelectual pós-colonial.”<sup>25</sup>

Cabe aqui, trazermos nosso objeto de estudo para debatermos acerca da temática da mulher subalterna. Referimo-nos a passagem no qual o senhor Raimundo, chefe da firma de representante de roldanas onde Macabéa trabalhava, avisa brutalmente que a demitirá e que só ficará com Glória, uma vez que, Macabéa errava demais, além de sujar invariavelmente o papel. Naquele momento, Macabéa em sua incapacidade de argumentação e lutar por seu direito ao grito, apenas responde “me desculpe o aborrecimento.”<sup>26</sup> Tal passagem nos ajuda a entender o silenciamento da mulher, frente ao poder e imposição masculina. Após ouvir as palavras de Macabéa, o chefe que já havia virado as costas, volta-se, embora a contragosto, dizendo que a despedida não seria para já e que poderia até demorar. Então o que podemos refletir sobre essa passagem? Percebe-se que o chefe mesmo depois de ser extremamente rude com Macabéa,

---

<sup>25</sup> SPIVAK. Can the subaltern speak? p.295

<sup>26</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.25.

impondo sua autoridade àquela mulher pobre e residente de um cortiço, à margem da sociedade, fica com pena, dó, ao vê-la pedindo desculpas.

A título de ilustração também podemos refletir sobre as três Marias que dividem o quarto com Macabéia, mulheres humildes, trabalhadoras e que, de acordo com o narrador Rodrigo S.M., não fariam falta a ninguém, tal como Madama Carlota, meretriz aposentada, cartomante convertida.

Voltemos às palavras da pesquisadora indiana, ao enfatizar que “o subalterno feminino não pode ser ouvido ou lido,”<sup>27</sup> o que implica conquistar um espaço de enunciação e garantir um lugar de discurso, ou seja, posicionar seu *locus* cultural ou *locus* discursivo em face da presença hegemônica masculina. Mais adiante, debatemos acerca do lugar, com base nas reflexões do pesquisador brasileiro Edgar César Nolasco.

Concluindo seu texto, Spivak afirma que o:

[...] subalterno não pode falar e que não há nenhuma virtude em ter a mulher nos textos globais como um item de piedade e que a intelectual feminina enquanto intelectual tem uma tarefa circunscrita da qual ela não pode se manter como um adorno.<sup>28</sup>

Em suma, a autora apresenta uma discussão que tem, como pano de fundo, seu país, a Índia, e, por extensão, a ideologia do Grupo de Estudos Subalternos Indianos, que procura ouvir aqueles que estão à margem e posicionar-se em relação a eles, questionando o modo como o pensamento europeu excluiu, também, numa relação de subalternidade, as demais regiões do mundo, inclusive a América Latina.

---

<sup>27</sup> The subaltern as female cannot be heard or read. SPIVAK. Can the subaltern speak? p.308.

<sup>28</sup> The subaltern cannot speak. There is no virtue in global laundry lists with “woman” as a pious item. The female intellectual as intellectual has a circumscribed task which she must not disown with a flourish. SPIVAK. Can the subaltern speak? p.308.

Daí, talvez, o porquê de os estudos subalternos proporem “descarrilhar e perturbar a vontade dos poderosos,”<sup>29</sup> unidos pela preocupação de escrever a história em uma perspectiva pós-colonial, atuante e subalterna.

Para Edward Said,<sup>30</sup> tal empenho auxilia no entendimento de que “a história indiana foi escrita por um ponto de vista colonialista e elitista, enquanto grande parte dessa história tenha sido constituída pelas classes subalternas levando, conseqüentemente, à necessidade de uma nova historiografia.”<sup>31</sup> Assim se percebe a necessidade, apontada por Said, de uma história que realmente represente o povo indiano e, por extensão, aqueles que sofreram a mesma forma de colonização, utilizando-se de fontes não convencionais ou negligenciadas, como a memória popular e o discurso oral. De acordo com o autor, esses seriam excelentes exemplos para o desenvolvimento de uma *História Alternativa*<sup>32</sup> ao discurso oficial.

O fato é que essas mudanças funcionais são extremamente radicais, mesmo que gradualmente estabelecidas, visto serem operadas somente pela força de uma crise. Uma crise que propõe uma releitura histórica, cultural e social, possibilita a participação daqueles que, até então, estiveram silenciados pelo poder hegemônico.

Vale lembrar que essa discussão foi ratificada pelas palavras de Dipesh Chakrabarty,<sup>33</sup> ao assegurar que a Europa continua sendo o sujeito teórico soberano de todas as histórias e, “nesse

---

<sup>29</sup> Definição utilizada por Walter Mignolo no livro *Histórias locais/projetos globais*, p.271.

<sup>30</sup> Edward Said foi um teórico palestino de literatura americana, crítico cultural, ativista político e um franco defensor dos direitos dos palestinos. Foi professor de inglês e Literatura Comparada na Universidade de Columbia e um dos fundadores da teoria pós-colonial. Dentre seus trabalhos, cita-se o livro *Representações do intelectual*.

<sup>31</sup> [...] Indian history had been written from a colonialist and elitist point of view, whereas a large part of Indian history had been made by subaltern classes, and hence the need for a new historiography. SAID. *Selected subaltern studies*, p.5.

<sup>32</sup> Termo utilizado por Pandey no texto *Peasant Revolt and Indian Nationalism*.

<sup>33</sup> Dipesh Chakrabarty é um historiador indiano que tem contribuído para o debate sobre a teoria pós-colonial e os estudos da subalternidade. Atualmente é professor de História e Línguas e civilização sul-asiáticas na Universidade de Chicago. Dentre seus trabalhos mais conhecidos, citam-se *Rethinking Working-Class History* e *Provincializing Europe*.

sentido, a própria história “indiana” está em posição de subalternidade. Só se podem articular posições de um assunto subalterno em nome da história.”<sup>34</sup>

Chakrabarty (1988) também chama a atenção para o fato de que, enquanto os estudos subalternos (na Índia e sobre a Índia) permanecerem dentro do domínio da História (enquanto disciplina), eles serão subalternos, não apenas devido a seu interesse pela subalternidade, mas porque sua própria prática disciplinar é subalterna.

O pesquisador asiático, Ranajit Guha, no prefácio do livro *Selected Subaltern Studies* (1988), aponta que subalterno é um “nome para o atributo geral da subordinação na sociedade Sul Asiática enquanto é expressa em termos de classe, casta, idade, gênero e ofício ou de qualquer outra forma.”<sup>35</sup>

Podemos inferir que a expressão, “qualquer outra forma”, inclui a distinção entre educado e não educado, que a aprendizagem, na academia, e o saber profissional conferem àqueles que têm ou não acesso às informações. Eis uma forma de se verificar a fissura existente entre subalterno e dominante.

Guha (1988) define seu próprio trabalho como o estudo do fracasso histórico da nação para chegar à sua realização. O cerne de seu pensamento está na máxima de que as elites representadas pela burguesia e/ou pela administração colonial são responsáveis por criar a ideologia e a realidade do nacionalismo, ou seja, Guha está preocupado com a maneira pela qual o sentido da história é convertido em um elemento de cuidado administrativo. Afirma o pesquisador:

---

<sup>34</sup> CHAKRABARTY, *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.279.

<sup>35</sup> [...] a name for the general attribute of subordination in South Asian society whether this is expressed in terms of class, caste, age, gender and office or in any other way. GUHA. *Selected subaltern studies*, p.35.

É o estudo deste fracasso histórico da nação consigo mesma, um fracasso devido à inadequação da burguesia, bem como da classe trabalhadora para conduzir a uma vitória decisiva sobre o colonialismo e uma revolução burguesa-democrática, como a do século dezenove sobre hegemonia da burguesia ou um tipo mais moderno sobre a hegemonia dos trabalhadores e camponeses que formam uma nova democracia - é o estudo deste fracasso que constitui a problemática central da historiografia da Índia colonial.<sup>36</sup>

Nessa perspectiva, o subalterno é concebido como alguém que carece de poder e de autorrepresentação. Nega-se o “reconhecimento de sujeito da história e o próprio direito a um projeto histórico totalmente próprio.”<sup>37</sup> Não seria exagero dizer que a reescritura da história da Índia é uma extensão da luta entre os subalternos e a elite, e entre as massas hindus e o império britânico.

Tal definição está atravessada pelos dois componentes que Guha utiliza para recuperar a especificidade cultural e política de seu país. A primeira está em “identificar a lógica das distorções na representação do subalterno na elite cultural ou oficial”; a segunda, em “descobrir as semânticas sociais das estratégias e práticas culturais das insurreições camponesas.”<sup>38</sup>

Em outras palavras, o pesquisador indica que o subalterno é, por definição, um não registrado ou registrável, incapaz de agir como um agente histórico da ação hegemônica, ou seja, de estar presente nas dicotomias estruturais e na constituição dos heróis do drama nacional, na escrita, na literatura, na educação, nas instituições, na administração da lei e na autoridade, uma vez que tais produções estão atravessadas pelo olhar de formação do Estado.

---

<sup>36</sup> It is the study of this historic failure of the nation to come to its own, a failure due to the inadequacy of the bourgeoisie as well as of the working class to lead it into a decisive victory over colonialism and a bourgeois-democratic revolution of either the classic nineteenth-century type under the hegemony of the bourgeoisie or a more modern type under the hegemony of workers and peasants, that's a 'new democracy'-it is the study of this failure which constitutes the central problematic of the historiography of colonial India. GUHA. *Selected subaltern studies*, p.43.

<sup>37</sup> SAID. *Selected subaltern studies*, p. xii

<sup>38</sup> [...] identifying the logic of the distortions in the representation of the subaltern in the official or elite culture; and uncovering the social semiotics of the strategies and cultural practices of peasant insurgencies themselves. GUHA. *Selected subaltern studies*, p.37-43.

É importante lembrar que Guha (1988) expõe o caminho para um possível entendimento sobre a relação entre subordinação e dominação:

Nós reconhecemos certamente que a subordinação não pode ser entendida como apenas um dos termos constitutivos da relação binária no qual o outro é o dominante, para os grupos subalternos há sempre tema para atividades de grupos regradados, mesmo quando se rebelam e levantam.<sup>39</sup>

Para o pesquisador indiano, a categoria que define a identidade do subalterno é a negação, ou seja, uma “antítese necessária” de um sujeito dominante. Não se refere à negação “dialética” superação-conservação, mas, sim, a uma inversão. Seu projeto centra-se em recuperar ou representar o subalterno como um sujeito histórico, cuja identidade constitua-se como uma práxis chamada rebelião.

O pesquisador conclui seu texto dizendo não estar só nesse embate contra o elitismo, visto saber da necessidade de novas pesquisas sobre a subalternidade na academia, apoiando, assim, o empenho daqueles que lutam pela representação das minorias.

A alternativa subalterna representa, dessa forma, um conhecimento integrativo para todas as lacunas, lapsos e ignorâncias conscientes que são apresentadas pelos líderes da cultura dominante, dando voz àqueles que convivem com a realidade opressora e desigual.

É oportuno trazer para o debate, neste momento, o que Lispector faz, em *A hora da estrela* (1977), ao reconhecer o direito de uma voz autoral que retrate a voz dos sem-vozes, bem como questionar uma suposta autoridade que estaria condenada a representar uma voz da verdade que sempre tem a nos dizer o que fazer, uma voz enraizada em um colonialismo teórico.

---

<sup>39</sup> We recognize of course that subordination cannot be understood except as one of the constitutive terms in a binary relationship of which the other is dominance, for ‘subaltern groups are always subject to the activity of ruling groups, even when they rebel and rise up’. GUHA. *Selected subaltern studies*, p.35.

A escritora utiliza-se de três instâncias enunciativas, relacionadas, aqui, metaforicamente: Lispector e Macabéa e, por extensão, Rodrigo S. M.

Clarice Lispector é uma intelectual que se mascara ao não se assumir enquanto tal, dando a palavra a Rodrigo S. M., o narrador-escritor-criador, que almeja transfigurar-se em sua criatura Macabéa.

Tentar representar o subalterno não é nossa intenção, pois, se o fizéssemos, estaríamos rompendo com tudo o que foi dito até então. Essa observação implica que os estudos subalternos não podem representar simplesmente um discurso “sobre” o subalterno, mas uma práxis contínua de análise e reflexão sobre essa temática.

Os estudos subalternos surgem e se desenvolvem como uma prática acadêmica num mundo contemporâneo, onde a globalização produz novos padrões de dominação e exploração, fortalecendo outros, antes estabelecidos. Respondem pela pressão sobre a universidade, a investigação e as políticas institucionais, para produzir os saberes apropriados à tarefa de compreender e administrar melhor uma classe trabalhadora transnacional e heterogênea.

Procuramos, até aqui, focar o desenvolvimento do Grupo de Estudos Subalternos pela perspectiva Sul-Asiática e seu impulso formador em relação à comunidade indiana. A seguir, trataremos do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, seus objetivos e críticas confrontadas no contexto da América Latina.

## 1.2 Teoria do subalterno na América Latina

A moça que pelo menos comia não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Clarice Lispector. *A hora da estrela*, p.30.

Por meio de uma perspectiva que procura dar voz e lugar àqueles que estão excluídos da cultura dominante, e que analisa as configurações de um contexto histórico colonial e suas relações de classe, já apresentadas pelo Grupo de Estudos Subalternos Sul-Asiáticos, busca-se, neste item, conhecer o posicionamento do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos e a possibilidade de tematização da subalternidade no contexto das Américas.

Os Estudos Latino-Americanos têm-se envolvido com a temática da representação da subalternidade, desde sua inauguração como campo (disciplina), em 1960. O estabelecimento do campo teórico e, por extensão, do Grupo Latino em sua forma organizacional como uma constituição interdisciplinar, corresponde ao modo como o Grupo Sul-Asiático conceituou o subalterno, isto é, como uma temática que emerge, por ou em intercessões, de um espectro de disciplinas acadêmicas e passa pela crítica filosófica da metafísica, da teoria literária e cultural contemporânea, da história e das ciências humanas e sociais.

Já a Associação Latino-Americana de Estudos Subalternos foi, originalmente, formada por cinco integrantes: John Beverly, Robert Carr, José Rabasa, Javier Sanjinés e Ileana Rodrigues, cujo primeiro encontro ocorreu na George Mason University, em 1992. Dentre os representantes do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, merece destaque o texto de fundação do grupo, que se encontra na revista *Boundary 2*(1993), o livro organizado por Ileana Rodríguez *The Latin American subaltern studies reader* (2001) e os trabalhos do venezuelano John Beverly, em especial, seu livro *Subalternidad y representación* (2004). A esses podem

agregar-se os trabalhos dos entusiastas: Walter Mignolo, no livro *Histórias locais/Projetos Globais* (2003), e Alberto Moreiras, no livro *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos* (2001).

De acordo com Ileana Rodríguez, <sup>40</sup> o que uniu os pesquisadores do Grupo Latino-Americano foi uma intuição partilhada com o Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos, o que, de certa forma, foi relevante para o trabalho, visto que compartilhavam e vivenciavam a mesma herança colonial.

Rodríguez aponta que, “compartilhando o modelo do Grupo Sul Asiático, nós decidimos ser um grupo descentralizado e democrático com um projeto acadêmico que continuaria o legado de estudos politicamente comprometidos.” <sup>41</sup>

A pesquisadora pontua que todos os membros do Grupo de Estudos Subalternos Latino-Americano estavam envolvidos com a esquerda, nos anos mil novecentos e sessenta, e que, por isso, estavam dispostos a refletir sobre os postulados do marxismo, dependência teórica, etnicidade e feminismo, pois o mundo estaria prestes a uma revolução.

Como estudantes, os integrantes do grupo lutavam pela inclusão dos estudos marxistas no *currículo* universitário e tentavam unir, especificamente, literatura e política. O cerne do grupo, por sua vez, estava em manifestar-se como uma organização interdisciplinar com um projeto acadêmico teoricamente consistente.

Para Rodríguez, na esteira de Spivak, o Grupo Latino-Americano concebe os estudos subalternos como “uma estratégia para nossos tempos,” <sup>42</sup> visto estar insatisfeito com a

---

<sup>40</sup> Professora de Literatura e Culturas da América Latina no Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Estado de Ohio. Dentre suas publicações, encontram-se os livros *Women, Guerrillas, and Love* e *House/Garden/Nation: Space, Gender, and Ethnicity in Post-Colonial Latin American Literatures by Women*. Tem desenvolvido pesquisas sobre estudos da subalternidade, teoria pós-colonial e estudos femininos.

<sup>41</sup> On the model of the South Asian Collective we decided to be a decentralized and democratic collective with an academic project that would continue the legacy of politically committed scholarship. RODRIGUEZ. *The Latin American subaltern studies reader*, p.1

representação dos marginalizados em face de suas próprias histórias, estando submissos a uma narrativa que não lhes dava direito à voz.

Rodríguez aponta dois postulados essenciais na concepção do grupo:

[...] o primeiro era continuar colocando nossa fé nos projetos dos marginalizados. O outro era produzir um arcabouço teórico para demonstrar o fracasso de reconhecer o marginalizado como um sujeito ativo social, político, e agente construtor de seu próprio conhecimento, conhecendo os limites e limiares de nosso presente hermenêutico e condição política.<sup>43</sup>

O texto, “Founding Statement”, publicado na revista *Boundary 2* (1993), do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, vem ratificar as palavras de Rodríguez, pois, justamente em seu texto de fundação, apresenta-se a proposta de que “a redefinição da política e espaço cultural da América Latina tem levado, recentemente, os estudiosos da região a reverem epistemologias estabelecidas e previamente funcionais nas ciências sociais e humanas.”<sup>44</sup> Dessa maneira, a tendência geral à democratização leva a priorizar o reexame do conceito de sociedades pluralistas e das condições de subalternidade dentro dessas sociedades.

Para o grupo, a queda de regimes autoritários, na América Latina, o final do comunismo, a contínua mudança dos projetos revolucionários no processo de redemocratização e a nova dinâmica criada pelos efeitos da comunicação de massa e os arranjos da economia transnacional, constituem-se desenvolvimentos que clamam por novas maneiras de pensar e atuar politicamente.

---

<sup>42</sup> SPIVAK *apud* RODRÍGUEZ. *The Latin American subaltern studies reader*, p.3.

<sup>43</sup> One was to continue placing our faith in the projects of the poor. The other was to find ways of producing scholarship to demonstrate that in the failure to recognize the poor as active social, political, and heuristic agents reside the limits and thresholds of our present hermeneutical and political condition”. RODRÍGUEZ. *The Latin American subaltern studies reader*, p.3.

<sup>44</sup> The redefinition of Latin American political and cultural space in recent years, in turn, impelled scholars of the region to revise established and previously functional epistemologies in the social sciences and humanities. LATIN AMERICAN SUBALTERN STUDIES GROUP. Founding Statement, p.110.

Questiona-se, no texto, a visão compartilhada pelas elites coloniais e pós-independentes acerca do subalterno, segundo a qual os paradigmas centrais, usados para representar essas sociedades, estavam embebidos por práticas culturais de hegemonia que, por sua vez, eram desenvolvidas pelos grupos de elite, presentificando-se no discurso disciplinar das ciências humanas e sociais.

Na esteira do trabalho de Guha, o Grupo Latino-Americano afirma que o subalterno:

[...] não é somente efetivo (atuante), apesar da tendência dos paradigmas tradicionais o verem como sujeito passivo ou “ausente” que pode ser mobilizado; ele também atua para produzir efeitos sociais que são visíveis, se não sempre previsíveis ou entendíveis por esses paradigmas, ou agências de regulação do estado e projetos de pesquisa que eles autorizam.<sup>45</sup>

Isso deixa visíveis os paradigmas relacionados a projetos sociais nacionais, regionais e, ao mesmo tempo, a tentativa das elites internacionais de controlar assuntos populares.

Com isso, a força por trás do problema do subalterno, na América Latina, apresentada pelo grupo dessa região, surge diretamente da necessidade de se reconceituar a relação Nação, Estado e Povo e, por extensão, do consenso no tocante à democratização da ordem no mundo, e do fato de o processo de redemocratização, na América Latina, impulsionar o trabalho dos fundadores enquanto pesquisadores e professores. Para eles, as tradicionais configurações da democracia e do Estado-Nação têm impedido as classes subalternas e grupos de participarem ativamente de ambos os processos: o político e o de constituição do conhecimento acadêmico. Ou seja, não reconheceram sua contribuição potencial como capital humano, exceto pela miséria.

De acordo com as palavras de John Beverly (2004), a perspectiva dos estudos subalternos não só implica uma nova forma de produção autocrítica acadêmica, como, também, conduz à

---

<sup>45</sup> The subaltern is not only acted on, despite the tendency in traditional paradigms to see it as a passive or “absent” subject that can be mobilized only from above; it also acts to produce social effects that are visible, if not always predictable or understandable, by these paradigms or the states policies and research projects they authorize. LATIN AMERICAN SUBALTERN STUDIES GROUP. Founding Statement, p.111-112.

possibilidade de uma nova forma de conceber o projeto de esquerda em condições de globalização e pós-modernidade, ocasião que o desejo de democratização e desierarquização cultural se faz presente.

Beverly (2004) afirma que “os estudos subalternos tratam sobre o poder, sobre quem o tem e quem não o tem, quem está ganhando e quem está perdendo.”<sup>46</sup> Aloja-se aí a dificuldade do debate acerca da representação do subalterno enquanto sujeito social dentro do discurso hegemônico e dos muros da universidade, porque os estudos subalternos “não são apenas novas formas de produção de conhecimento acadêmico, devem ser, também, formas de interferir politicamente nessa produção.”<sup>47</sup>

Podemos observar, com isso, o quanto o saber acadêmico está atravessado pela construção social da subalternidade, e vice-versa, e como a emergência do debate, acerca do subalterno em face da hegemonia, alterna esse saber. Para o crítico venezuelano:

[...] o subalterno é subalterno em parte porque não pode ser representado adequadamente pelo saber acadêmico (e pela teoria) [...] porque esse saber é uma prática que produz ativamente a subalternidade (a produz no ato mesmo de representá-la.).<sup>48</sup>

Por essa perspectiva, Beverley indica a dimensão além-fronteira do poder da elite norte-americana que posiciona a América Latina “nas entranhas do monstro.”<sup>49</sup> Temos, todavia, a representação de um *local* sendo falado por alguém que está em outro lugar. É o que Spivak (1988) aponta ao dizer que a representação não é só um problema de “falar sobre, mas também

---

<sup>46</sup> los estudios subalternos tratan sobre el poder, quien lo tiene y quien no, quien lo está ganando y quien lo está perdiendo. BEVERLEY. *Subalternidad y representación*, p.23.

<sup>47</sup> [...] no son solo nuevas formas de producción de conocimiento académico; deben ser también formas de intervenir politicamente en esa producción, desde la perspectiva del subalterno. BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.56.

<sup>48</sup> el subalterno es subalterno en parte porque no puede ser representado adecuadamente por el saber académico (y por la “teoría”) [...] porque ese saber es una práctica que produce activamente la subalternidad (la produce en el acto mismo de representarla) BEVERLEY. *Subalternidad y representación*, p.23.

<sup>49</sup> en las entrañas del mostro. MARTI, *apud* BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.24.

de falar por.”<sup>50</sup> Tal proposição chega ao embate entre a hegemonia americana e a busca por uma autorrepresentação latino-americana que possa fugir do colonialismo teórico que responde por nossa cultura há muito tempo. Cabe, então, afirmar a luta por um valor de tradição literária e cultural latino-americana e a validade de um saber local, representado por sua própria tradição intelectual, contra a imposição de padrões culturais e teóricos americanistas.

Ao tocar na questão da representatividade, Beverly afirma que os estudos subalternos implicam não só uma nova forma de falar sobre os subalternos, mas, ainda, a possibilidade de construir relações de solidariedade entre aqueles que estão no centro e os que estão à margem. O subalterno é algo que está em outro lado de nossa posição, afirma o autor. Daí a necessidade de uma visada teórica que, realmente, se posicione de acordo com o lugar de onde esse discurso é produzido e não uma suposição do que se acredita que seja. Tal discussão é contemplada no próximo capítulo, quando focarmos nossa análise à questão do intelectual (subalterno), presente na obra *A hora da estrela*.

Para o crítico venezuelano, os estudos subalternos tratam de como o saber institucionalizado, que produzimos e dividimos como acadêmicos, está estruturado pela ausência, dificuldade ou impossibilidade de representação do subalterno. Em outras palavras, reconhecer a inadequação fundamental desse saber das instituições e tomar conhecimento da necessidade de uma troca radical em direção a uma ordem social mais democrática e igualitária, ou seja, a representação por parte acadêmica e teórica ainda é ativamente subalternista e excludente.

Tal posicionamento dialoga com o texto de fundação do Grupo Sul-Americano quando aponta para o:

---

<sup>50</sup> SPIVAK. Can the subaltern speak? p. 308.

[...] reconhecimento dos limites da ideia de ‘estudar’ o subalterno e o cuidado de nossa parte em nos afastar para fazer isso. Nosso projeto, no qual um grupo de pesquisadores e seus colaboradores da elite das universidades metropolitanas querem descobrir a partir de documentos e da oralidade do mundo subalterno, a presença estrutural do inevitável, indestrutível, e assunto efetivo que tem nos provado que estávamos errados, e demonstrado, que nós não os conhecemos, daí o confronto do dilema da resistência subalterna e a revolta contra as concepções da elite.<sup>51</sup>

Isso leva o autor a afirmar a necessidade de se (re) pensar a América Latina, uma vez que esse pensamento equivale, conforme suas palavras, a:

[...] fundir a des-hierarquização, a abertura para a diferença e para as novas formas de liberdade e identidade, a afirmação do latino-americano contra a dominação norte-americana e o lado destrutivo da globalização<sup>52</sup>.

Beverly reflete acerca de até quando os países da América Latina terão uma relação de dependência com a hegemonia cultural e econômica dos Estados Unidos, e até que ponto poderão desenvolver-se individualmente como região ou civilização. Surge, assim, o embate crescente da América Latina e a hegemonia Norte-Americana.

Nessa direção, o autor propõe que o subalterno não é uma categoria ontológica; mas designa uma particularidade subordinada em um mundo onde as relações de poder estão espacializadas; em outras palavras, trata-se de uma identidade (ou identidades) contingente e sobredeterminada.

Acreditamos, na esteira de Beverly, que o enfrentamento não pode ser feito nem pela burguesia ou pequena burguesia, nem pela tradição letrada e, muito menos, pela esquerda

---

<sup>51</sup> [...] recognition of the limits of the idea of “studying” the subaltern and a caution to ourselves in setting out to do this. Our project, in which a team of researchers and their collaborators in elite metropolitan universities want to extricate from documents and practices the oral world of the subaltern, the structural presence of the unavoidable, indestructible, and effective subject who has proven us wrong-she-he who has demonstrated that we did not know them- must itself confront the dilemma of subaltern resistance to and insurgency against elite conceptualizations. LATIN AMERICAN SUBALTERN STUDIES GROUP. *Founding Statement*, p.121.

<sup>52</sup> [...] es cómo fundir la desjerarquización, la apertura hacia la diferencia y hacia nuevas formas de libertad e identidad, y la afirmación de lo latinoamericano contra dominación norteamericana y el destructivo de la globalización [...] BEVERLEY. *Subalternidad y representación*, p.16-17.

tradicional, mas, sim, por aqueles que não compartilham com o projeto de modernidade, a exemplo dos subalternos. Segundo Beverly (2004), tal redefinição/enfrentamento:

[...] requer uma intencionalidade política e cultural que nasce, propriamente, dos “outros”, ou seja, sobre o subalterno. Requer que os últimos sejam os primeiros, e os primeiros, últimos, como diz o Evangelho.<sup>53</sup>

A título de ilustração, podemos dizer que o grito desejado por Beverly é dado pelo intelectual subalterno Rodrigo S. M., quando ele expõe suas críticas por intermédio de uma personagem que não tem voz, nem lugar, no mundo em que vive. Ou seja, num mundo todo feito contra ela.

No momento, remetendo as considerações de Antonio Candido, busca-se averiguar quais fatores atuam na organização interna da obra, de maneira a constituir uma estrutura peculiar, uma vez que uma leitura que se queira integral deixa de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar, livremente, os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente.

Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal, uma vez que a construção literária exprime uma visão coerente da sociedade, cabendo, assim, analisar a “intimidade” da obra e não propor um mero juízo de valor. Uma análise que privilegie apenas a linguagem literária, ou seu funcionamento discursivo textual, deixa de lado o papel social da literatura.

Sobressai, aí, o questionamento de Beverly sobre como imaginar uma nova versão do projeto socialista sem estar ligada a uma teleologia da modernidade. Em termos políticos, não se

---

<sup>53</sup>[...] requiere una intencionalidad política y cultural que nace propiamente de los “otros”, es decir, de lo subalterno. Requiere que los últimos sean los primeros y los primeros, últimos, como dice el Evangelio. BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.17.

trata apenas de teorizar ou legitimar uma política da diferença, mas desenvolver uma visão do Socialismo que tenha como meta uma sociedade ao mesmo tempo diversa e igualitária.

Para tanto, volta-se à expressão de que os estudos subalternos “são uma estratégia para nosso tempo” <sup>54</sup> e, para chegarem ao objetivo de uma possível autorrepresentação Sul-Americana, os estudos subalternos entram em cena como uma nova produção autocrítica, com a tarefa de reconquistar o espaço de desierarquização cedida ao mercado e ao neoliberalismo. Com isso, o desafio de articulação ideológica, dessa proposta de teoria cultural, equivale, conforme palavras de Beverly (2004), a estarmos “conscientes da necessidade de deslocar o capitalismo e sua institucionalidade tanto burocrática quanto cultural.” <sup>55</sup>

Continuando com as ponderações de Beverly, quando ele afirma que a ideia de estudar o subalterno é autocontraditória, entende-se que a tentativa de sua prática constitui uma forma de discurso acadêmico que fala de um lugar elitista atravessado pelo colonialismo e dependência teórica e cultural. Tais discursos, produzidos pela universidade, na história, na escrita, na teoria e na literatura, são cúmplices da produção social da subalternidade. Não seria o fato de o subalterno não conseguir falar, mas de ele não poder falar tudo o que pensa, ou gostaria de dizer.

Percebe-se, pois, a necessidade de os estudos subalternos enfrentarem e incorporarem a resistência ao saber acadêmico, razão de o pesquisador afirmar que “a força que está por trás do problema dos subalternos, na América Latina, pode ser dito, surge diretamente da necessidade de reconceitualizar a relação entre Nação, Estado e povo.” <sup>56</sup> Relação essa que ainda reclama por uma mudança política e teórica que realmente represente seu povo.

---

<sup>54</sup> [...] uma estratégia para nuestro tiempo. BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.29.

<sup>55</sup> BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.16-17

<sup>56</sup> la fuerza detrás del problema del subalternos en America Latina, puede ser dicho, surge directamente de la necesidad de reconceptualizar lá relación entre nación, Estado y pueblo. BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.29.

É válido salientar que, com isso, o fracasso de certas formas de pensamento, associadas à ideia de modernidade, tem a ver, em termos gerais, com sua incapacidade de representar adequadamente o subalterno. Para o autor, dentro desse contexto de produção da subalternidade, há uma tensão no interior dos estudos subalternos entre a necessidade de se desenvolverem novas formas de pedagogia e prática acadêmica – na história, na crítica literária, na antropologia, na ciência política, na filosofia, na educação, e a necessidade de se desenvolver uma crítica do saber acadêmico como tal.

Em outras palavras, os estudos subalternos se oferecem como um instrumento conceitual para recuperar e registrar a presença subalterna tanto historicamente quanto nas sociedades contemporâneas. Mais uma vez, recorremos ao texto do grupo para sintetizar a questão da representatividade do subalterno, e constatamos que:

[...] não é uma questão apenas de novos caminhos de ver o subalterno, novas e mais poderosas formas de recuperação de informação, mas também de construir novas relações entre nós mesmos e aqueles humanos contemporâneos que nós sugerimos como objeto de estudo.<sup>57</sup>

Para representar melhor tal posicionamento sobre o subalterno, recorremos às palavras de Rigoberta Menchú (1984), em seu famoso testemunho:

Eu continuo guardando segredo do que ninguém sabe, nem sequer um antropólogo ou um intelectual, por mais que tenham muitos livros, não sabem distinguir todos nossos segredos.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> [...] it is a question not only of new ways of looking at the subaltern, new and more powerful forms of information retrieval, but also of building new relations between ourselves and those humans contemporaries whom we posit as object of study. LATIN AMERICAN SUBALTERN STUDIES GROUP. Founding Statement, p.121.

<sup>58</sup> Sigo ocultando lo que yu considero que nadie sabe, ni siquiera un antropólogo, ni un intelectual, por más que tenga muchos libros, no saben distinguir todos nuestros secretos. MENCHU, *apud* BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.59.

Percebe-se, por conseguinte, que o trabalho de Beverly trata menos da categoria do “subalterno” enquanto sujeito social concreto, e mais dos “estudos” da dificuldade de rever o subalterno nos discursos disciplinários dos intelectuais e em sua prática dentro da academia. O pesquisador reconhece que os problemas, que dividem os estudos subalternos de seus críticos Latino-Americanos, são menos importantes no longo prazo do que as preocupações compartilhadas por todos.

Esse posicionamento de Beverly é sumamente importante para este livro, contribuindo para a análise da figura de Macabéa, nossa subalterna, ao lado de Olímpico, e, também, para refletir acerca da maneira como Macabéa é mostrada/narrada pelo intelectual Rodrigo S. M., que, por sua vez, não é subalterno, pelo menos como aqueles, pois não ocupa o lugar daquela *resistente raça anã teimosa*, o rebotalho da sociedade. Rodrigo S. M. ainda está resguardado no lugar daqueles providos de representação e direito a voz.

Walter Mignolo, em seu livro *Histórias locais/Projetos Globais* (2003), que tem como tema principal a subalternização do conhecimento, traz contribuições efetivas para o debate crítico e para desenvolvimento deste trabalho.

Mignolo (2003) tece uma crítica aos membros do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, por serem acadêmicos Latino-Americanos vivendo nos Estados Unidos que, talvez, por isso mesmo, apesar de terem tentado produzir um conhecimento alternativo e radical, reproduziram o esquema epistêmico dos estudos regionais nos Estados Unidos.

Diálogo marcado, com o que diz Beverly (2004), ao afirmar que tal produção representa uma espécie de colonialismo teórico, em que a configuração da América Latina e suas culturas e sociedades se dão de maneira excêntrica e anômala. É oportuno, mais uma vez, dizer da

necessidade de produção de um saber local que represente a tradição intelectual nacional e por extensão Latino-Americana.

Cabe voltar ao personagem Rodrigo S. M., peça-chave para os propósitos deste livro, uma vez que ele representa essa tentativa de criação a partir de uma ideia pressuposta, crítica áspera feita por Mignolo aos integrantes do Grupo Latino-Americano. O personagem Rodrigo S. M. é o escritor-narrador que conta a história da pobre moça nordestina Macabéa, em *A hora da estrela* (1977), daí nossa primeira constatação de que se trata de alguém tentando contar a história de outra pessoa, mas que nunca ocupou o lugar proposto a descrever, pois fala de um outro lugar. Ou seja, Rodrigo S. M. dispõe-se a representar a personagem subalterna Macabéa, questiona-se até que ponto ele dá direito a voz a essa personagem ou definitivamente não possibilita ouvi-la.

Voltando às palavras de Mignolo (2003), observa-se que:

[...] os Estudos Subalternos poderiam contribuir para descolonizar a pesquisa, refletindo criticamente sobre sua própria produção e reprodução do conhecimento e evitando a reinscrição das estratégias de subalternização.<sup>59</sup>

Para Mignolo, há uma exportação da *intelligentsia* norte-americana, pelos estudos ou teorias culturais e pós-coloniais, que chegam, aos lugares, transformadas, transculturadas, sendo percebidas como novas formas de colonização e não como novos instrumentos para iluminar a inteligência de seus anfitriões.

Com isso, os estudos subalternos introduziram o nível de “ações afetivas como um tipo de racionalidade,”<sup>60</sup> em que “subalterno não constitui uma categoria, mas, sim, uma perspectiva crítica ao modo de produção burguês ou capitalista em seus diferentes estágios.”<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.279.

De acordo com Mignolo (2003):

[...] a diferença entre subalternidade interiores e exteriores estrutura-se em termos legais e econômicos. Assim, trata-se na verdade de uma diferença de classe. Entretanto, a diferença não é justificada em termos de classe, mas em termos de etnia, gênero, sexualidade e, algumas vezes nacionalidade.<sup>62</sup>

No decorrer de seu texto, Mignolo aponta para uma rede de conexões e hierarquias na proporção entre a produção do saber e os locais geo-históricos, de um lugar geográfico com uma história local particular. O pesquisador vê com desconfiança o fato de um Grupo Latino-Americana nos Estados Unidos, com formação em crítica literária e cultural, estar apropriando-se da contribuição do Grupo do Sul da Ásia.

Entende-se, portanto, que a produção do conhecimento é indissociável das especificidades do local geo-histórico e que os locais históricos no mundo colonial-moderno foram moldados pela colonialidade do poder, que orienta e marca a reflexão daqueles que procuram debater o assunto.

Para contribuir com o debate acerca do conceito de lugar, valemo-nos das contribuições de Edgar Nolasco que, no ensaio “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”<sup>63</sup>, afirma:

[...] lugar é político por excelência, e falar é exercer seu lugar de direito. O sujeito que não fala não existe. Às vezes quem não sabe que o sujeito e o *lugar* falam, por comodidade, são o discurso acadêmico e a perspectiva disciplinar, que tem a ancestral herança histórica ocidental de falar por eles. Também não sabem que o *lugar*, os lugares, os limites, os locais, as fronteiras, as culturas, os regionalismos (enfim, os conceitos todos) precisam de um espaço territorial geohistórico para serem pensados desde dentro.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.259.

<sup>61</sup> DAS, *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.259.

<sup>62</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.243.

<sup>63</sup> Revista *RAÍDO*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Jan-jun. 2008.

<sup>64</sup> NOLASCO. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? p.68.

O pesquisador, na esteira de Ángel Rama e Canclini, vê que “um lugar é por descendência uma ‘miniregião cultural’. Do lugar, do local, o Universal não passa de uma história sonhada e esquecida no dia seguinte. [...] O local enquanto um lugar, ao mesmo tempo está perto e está longe, é dentro e fora.” <sup>65</sup>

O Grupo Latino-Americano contribui, com a introdução da dimensão pós-moderna para os estudos da subalternidade, dando um grande passo para o entendimento da história intelectual da América, mas a questão crucial para os estudos subalternos ainda está no pós-colonial. Surge, pois, a possibilidade de o olhar do “mesmo” ver a América Latina como um lugar a ser estudado e não um local de reflexão. Para representar melhor tal afirmação, recorreremos às palavras de Nolasco: “[...] o sujeito está condenado a reconhecer que seu lugar está atravessado pela presença (histórica) do outro.” <sup>66</sup>

Dialogando com Canclini (2004), ao dizer que “O local costuma estar em outro lugar”, em decorrência de sua articulação com o nacional e o global, Nolasco assevera que “o local é ‘glocal’ sem deixar de ser local.” <sup>67</sup>

É importante esclarecer que a questão da territorialidade será abordada no capítulo a seguir, quando se analisarão os personagens Olímpico e Macabéa como representantes da subalternidade, retirantes e *homeless*, que tentam a vida na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro.

Para Mignolo (2003), a atual versão dos estudos subalternos, na América Latina, tem sua visão de colonização como uma subalternização de povos e culturas, já que uma das principais preocupações é contrapor-se à modernidade e demonstrar que ela é um fenômeno europeu.

---

<sup>65</sup> NOLASCO. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? p.70.

<sup>66</sup> NOLASCO. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? p.72.

<sup>67</sup> NOLASCO. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? p.70.

Nessa perspectiva, a adoção dos pressupostos estabelecidos pelo Grupo de Estudos Subalternos da Ásia pelos Latino-Americanos aponta a diferença entre a história colonial da América Latina em contraponto com a da Ásia.

Com isso, torna-se de extrema importância a reflexão sobre o *local* das áreas a serem estudadas e sobre as culturas de pesquisa “a partir das quais estudá-las”<sup>68</sup>, para que não haja o posicionamento das outras culturas como culturas subalternas.

Quando se toca no ponto das “culturas subalternas”, tudo o que se situa num espaço relacional será colocado “numa posição inferior”. Cita-se, como exemplo, a subalternização das línguas espanhola e portuguesa: uma espécie de *linguajamento*<sup>69</sup> acontece, ocasião em que a produção do conhecimento se estabelece em francês, inglês ou alemão, deixando de lado a representatividade das línguas latinas.

O que se deveria explorar são as línguas e o linguajamento dos estudos subalternos na/da Índia e os estudos subalternos no/dos Estados Unidos ou na/da América Latina, como culturas a serem estudadas, sugere Mignolo. Percebe-se, dessa maneira, que uma diferença colonial sobrevive com toda sua força, rearticulando-se nas novas formas globais da colonialidade do poder.

Para tanto, os estudos subalternos, no contexto nas/das Américas, tornam-se uma reflexão sobre a construção da subalternidade desde os estágios iniciais da globalização e sobre as diversas temporalidades das Américas.

Alberto Moreiras (2001), em *A exaustão da diferença*, refletindo acerca da problemática da subalternidade na América Latina, afirma que “o subalternismo constitui um novo modelo para a interpretação da cultura Latino-Americana que irá se desenvolver de maneiras não

---

<sup>68</sup> MORSE, *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos Globais*, p.267.

<sup>69</sup> Neologismo utilizado por Mignolo para representar o ato de pensar e escrever entre línguas. Em inglês, o autor utiliza a palavra “*linguaging*”.

estritamente previsíveis,”<sup>70</sup> além de ser uma abertura e expansão das fronteiras disciplinares, pois, para ele, o modo subalternista deve ser compreendido como uma ruptura radical com um modo disciplinar prévio.

Tal perspectiva teórica possibilita um diálogo teórico-crítico entre as disciplinas, oportunizando a abertura do campo de perspectivas sobre o cânone, e, por conseguinte, das obras que não pertencem a esse seletivo grupo; daí a busca pela expansão das fronteiras culturais que, muitas vezes, esbarram nas barreiras impostas pelo colonialismo teórico que tem dominado a América-Latina.

Moreiras afirma que os estudos subalternos Latino-Americanistas “são uma consequência do colapso do sonho de modernizações Latino-Americanas, nacionalmente integradas,”<sup>71</sup> e que:

[...] compreender a cultura latino americana em sua subalternidade crítica e relacional, em que a subalternidade não constitui uma categoria fixa ou essencialista, mas sim uma relação diferencial com o sujeito dominante da pós-modernidade transnacional, parece ser o único caminho através do qual a mesma diferença pode ter serventia epistemológica e crítica na época contemporânea.<sup>72</sup>

O autor refere, também, que o subalternismo Latino-Americanista ainda usaria a América Latina como um lugar vazio, pronto para a colonização cultural, porque os intelectuais subalternistas, com base nos Estados Unidos, ainda veriam a América Latina como “um importador de produtos manufaturados dos centros.”<sup>73</sup>

Somado a isso, o estudioso, na esteira de Chakrabarty, chama a atenção para dois sintomas cotidianos da subalternidade das histórias não ocidentais de Terceiro Mundo. Tais sintomas correspondem, naturalmente, a um mesmo mal-estar, uma “condição teórica”<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.201.

<sup>71</sup> MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.209.

<sup>72</sup> MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.200.

<sup>73</sup> MORAÑA, *apud* MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.287.

<sup>74</sup> CHAKRABARTY, *apud* MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.142.

derivada da expansão e transformação do capitalismo europeu em um sistema mundial, ou seja, “os historiadores do terceiro mundo sentem necessidade de se referir a trabalhos sobre a história europeia; os historiadores da Europa não sentem nenhuma necessidade de retribuir.” <sup>75</sup>

Ainda citando Moreiras, convém ressaltar que o pensamento subalternista é constituído de cinco aspectos: 1) “a noção (possível) de uma razão crítica que se torna irruptiva e disruptiva, devido à aparente impossibilidade de qualquer irrupção ou desrupção”; 2) “a necessidade de tomar o pensamento como operação que está além da imanência discursiva e dentro de práticas sociais, entendidas como o exterior constitutivo do discurso da filosofia”; 3) “a necessidade de compreender a operação de se pensar como estando acima de qualquer busca de reconstituí-la como uma forma de reconceitualização filosófica a serviço de articulações hegemônicas”; 4) “a necessidade de se impedir que a operação de se pensar retroceda, transformando-se em reconciliação ideológica”; 5) “a produção de um novo sujeito filosófico, até mesmo de um sujeito sem sujeito, cujo “intelecto geral” possa sustentar o empreendimento de um pensamento operacional, enquanto pensamento pós-hegemônico, na época do pós-modernismo.” <sup>76</sup>

Após utilizarmos uma leitura que tomou os estudos da subalternidade para se referir a grupos marginalizados, que não possuem voz ou representatividade em seu *status* social, enfatizamos que não se pode negar que escrevemos como povos cuja consciência foi formada como sujeitos coloniais. Ao fazermos isso, negamos nossa própria história, contudo, devemos procurar lutar por uma representação própria que possibilite *o direito ao grito* daqueles que estão à margem, lutar por uma visada teórica culturalmente comprometida com nossa realidade.

O ensaio, “O direito ao grito da subalternidade na América Latina”, de Edgar César Nolasco, colabora para a discussão e conceituação do que seja subalternidade e auxilia-nos a

---

<sup>75</sup> CHAKRABARTY, *apud* MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.143.

<sup>76</sup> MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.142.

concluir de forma mais pontual nossa discussão sobre a subalternidade, pelo menos na América Latina:

Talvez se devesse pensar o conceito de subalternidade na América Latina tendo em mente que América é um substantivo feminino, logo historicamente subalterna por excelência (no que pese a lembrança de um preconceito). Mas daí surgiria uma primeira pergunta: subalternista aos olhos de quem? É-se subalterno, sempre, aos olhos do outro, do de fora? Só se pode pensar em tal conceito numa perspectiva comparatista dualista e hegemônica? Parece-me que não. Talvez o conceito de subalternidade venha nos mostrar que é possível pensar no local, no próprio, no regional, sem abrir mão, por exemplo, do atual contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente no qual estamos vivendo, por mais que isso nos pareça contraditório.<sup>77</sup>

Dessa forma, cabe aos pesquisadores trazer a discussão para o interior dos muros da universidade ou para fora dela, à medida que o discurso subalternista desconstrói o discurso acadêmico e disciplinar e tenta propor caminhos para que exista, ou, se possível, ouça-se a voz daqueles que estão à margem da sociedade. É oportuno enfatizar que esse é o ponto de partida que move a leitura e o desenvolvimento deste trabalho.

Pelo exposto, até aqui, vemos que os estudos subalternos, quando entram em cena, proporcionam não só uma nova forma de produção autocrítica acadêmica, como, também, conduzem à possibilidade de uma nova forma de conceber o projeto de esquerda em condições de globalização e pós-modernidade, uma vez que o grupo em sua essência compartilhava com o projeto de esquerda as ideias de mudança social e cultural.

Observa-se uma falta de perspectiva crítica entre os Latino-Americanistas sobre as diferenças entre as duas Américas: temos a América Latina como um campo de estudos e não como um lugar onde se produzem teorias e ideias. Talvez essa ideia ainda persista em virtude do consistente bombardeamento de informações promovido pela globalização que dita o desenvolvimento mundial, na contemporaneidade.

---

<sup>77</sup> NOLASCO. O direito ao grito da subalternidade na América Latina, 2008.

Como salienta Beverley (2004), os estudos subalternos não constituem apenas um problema de “representação” do subalterno, mas uma alternativa para compreender que o trabalho na academia funciona ativamente produzindo e não produzindo subalternidade. Sobre isso, estamos atentos para não proferir uma crítica injusta com relação ao nosso objeto de estudo.

Concordamos com Beverley, quando ele diz que:

[...] deveríamos começar a pensar estrategicamente sobre as possibilidades de nosso lugar na educação superior. Não há forma de dizer de onde vêm os impulsos que reviveram a esquerda, e não há razão para supor de antemão que a universidade não possa ser o que o idioma da velha esquerda chamava de ‘um setor chave’. Mas essa possibilidade também significa assumir um novo tipo de responsabilidade pelo que dizemos e fazemos.<sup>78</sup>

Confessamos que afirmações como essa, que estampa a acuidade crítica do estudioso, que, em parte, redime nossa dificuldade para tratar da teoria em questão.

Daí nosso objetivo de reivindicar *o direito ao grito*,<sup>79</sup> também proposto pelo intelectual Rodrigo S. M. na obra de Lispector, enquanto escritor marginalizado e sem classe social, para fazer emergir o debate crítico em torno da subalternidade na América Latina e, por extensão, discutir sua própria construção cultural.

A luta que embasa o projeto intelectual da escritora Lispector e do escritor Rodrigo S. M., bem como dos personagens que transitam pela obra, especialmente Macabéa e Olímpico de Jesus, “está atravessada por uma lógica de dominação e subordinação, contradição e negação que marca as identidades como subalternas,”<sup>80</sup> rediscutindo, assim, uma nova prática de leitura cultural ao sistema estabelecido.

---

<sup>78</sup> BEVERLEY. *Subalternidad y representación*, p.212.

<sup>79</sup> Referência a um dos quatorze possíveis subtítulos atribuídos por Clarice Lispector ao livro *A hora da estrela*.

<sup>80</sup> NOLASCO. *O direito ao grito da subalternidade na América Latina*, 2008.

O capítulo a seguir tratará do projeto intelectual de Rodrigo S. M. sobre a marginal Macabéa, questionando até que ponto o escritor/narrador é um intelectual subalterno. Por um lado, Rodrigo S. M. pode ser encarado como um escritor marginal, uma vez que não conseguiu escrever uma grande obra, sendo, assim, periférico com relação aos escritores canônicos da literatura brasileira, por outro lado, não pode ser um marginal porque nunca ocupou o lugar *daquela resistente raça anã teimosa*.

Observa-se que Rodrigo S. M. tem consciência de seu lugar, pelo menos em parte. O narrador de *A hora da estrela* tenta se transmutar nos miseráveis Macabéa e Olímpico, fala sobre eles, mas sabe que nunca poderá ocupar o lugar deles; almeja escrever sobre os marginais e, por isso, tenta chegar o mais próximo possível de sua representação. Eis, pelo menos em parte, nossa crítica ao intelectual Rodrigo S. M. que será abordada no próximo capítulo.

Chega-se, assim, ao cerne do projeto intelectual de Lispector, no tocante ao livro em estudo, que, para nós, está na representação da miséria pela linguagem literária, representação essa tão almejada por Rodrigo S. M., conduzindo os leitores a refletir sobre as diferenças culturais, sociais e étnicas tão gritantes de nosso País.

## CAPÍTULO II

### O intelectual subalterno em *A hora da estrela*

O exílio é um modelo para o intelectual que se sente tentado, ou mesmo assediado, ou esmagado, pelas recompensas da acomodação, do conformismo, da adaptação. Mesmo que não seja realmente um imigrante ou expatriado, ainda assim é possível pensar como tal, imaginar e pesquisar apesar das barreiras, afastando-se sempre das autoridades centralizadoras em direção as margens, onde se podem ver coisas que normalmente estão perdidas em mentes que nunca viajaram para além do convencional e do confortável. SAID, *Representações do intelectual*, p.70.

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, p.13.

Visamos, neste capítulo, analisar a figura e o lugar do intelectual, não como detentor cultural, inalcançável, provido de *intelligentsia*, conceito elitista e fechado que se assina sob a rubrica de cultura, nos dias atuais. Propõe-se uma releitura dessa figura do intelectual no mundo contemporâneo, tendo como pano de fundo a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para tanto, faz-se necessário apresentar a visão que temos de intelectual e, a partir daí, construir uma relação direta com o objeto de trabalho.

Vale lembrar que, para Edward Said (1988), “a palavra subalterno, em primeiro lugar, tem conotações política e intelectual,”<sup>81</sup> implicando novas proposições de análise em face do poder hegemônico estabelecido. Isso concorre, ainda, para asseverar debates sobre o que é dito como verdade. Questiona-se, por essa perspectiva, o papel do intelectual na sociedade e de que forma esse intelectual ocupa seu lugar de questionador do *status quo*, facultando direito a voz àqueles que representam a situação marginal. Daí a relação direta entre o intelectual e a grande e teimosa raça anã que desfila pelas páginas do livro *A hora da estrela*.

As reflexões de Said, que se encontram no prefácio do livro *Selected Subaltern Studies*, salientam que os “estudos subalternos representam uma travessia de limites, um contra bandejamento de idéias entre linhas, incitando o intelectual e, como sempre, o desvanecimento político.”<sup>82</sup>

Nessa direção, Edgar Nolasco conclui, em seu livro *Caldo de Cultura*, que:

---

<sup>81</sup> The word “subaltern”, first of all, has both political and intellectual connotations. SAID, *apud* GUHA. *Selected subaltern studies*, p.5.

<sup>82</sup> Subaltern Studies represents a crossing of boundaries, a smuggling of ideas across lines, stirring up of intellectual and, as always, political complacency. SAID, *apud* GUHA. *Selected subaltern studies*, p.10.

[...] o olhar pós-moderno pôs o intelectual à margem do saber instituído obrigando-o, por conseguinte, a rediscutir conceitos canônicos como o de cultura e de literatura, por exemplo. Daí ser escusado dizer ainda que esse mesmo intelectual não pode mais se valer de conceitos nem de um olhar excludentes diante da sociedade. <sup>83</sup>

É assim que este livro envereda na mesma direção do que propõe Said, em seu trabalho intitulado *Representações do intelectual* (2005), à medida que esse autor aponta o papel público do intelectual como um *outsider*, um “amador”, um perturbador do *status quo*, afirmando, ainda, que uma das tarefas do intelectual é derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação.

Seguindo essa linha de pensamento, o crítico pontua que “os verdadeiros intelectuais devem correr o risco de serem queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos.” <sup>84</sup> Lispector resalta esses problemas em *A hora da estrela*, como se necessitasse exteriorizar suas angústias e frustrações sobre a problemática brasileira. A autora sempre esteve sensibilizada com o contexto da época, como afirma na seguinte passagem: “Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.” <sup>85</sup>

Said (2005) procura falar de intelectuais, precisamente como figuras cujo “desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num *slogam*, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido.” <sup>86</sup> O autor sugere que:

[...] os padrões de verdade sobre a miséria humana e a opressão deveriam ser mantidos, apesar da filiação partidária do intelectual enquanto indivíduo, das origens e de lealdades ancestrais. <sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.76.

<sup>84</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.22.

<sup>85</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.12.

<sup>86</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.12.

De acordo com o crítico palestino, “nada distorce mais o desempenho público do intelectual do que os floreios retóricos, o silêncio cauteloso, a jactância patriótica e a apostasia retrospectiva e autodramática,”<sup>88</sup> o que, muitas vezes, pode ser percebido no discurso de pseudointelectuais e políticos de nosso País, que se intitulam representantes da nação, sem, contudo, lembrar-se de ouvi-la.

É nesse contexto que se vê uma nação subalterna, que não tem representatividade, e tampouco a encontra naqueles que se intitulam seus representantes intelectuais. Tal discussão pode ser ilustrada por meio do personagem Rodrigo S. M., ao posicionar-se contra “a tentação de usar termos suculentos,”<sup>89</sup> quando sua produção trata de algo simples, mas de difícil elaboração, embora pareça fácil, num primeiro momento. Podemos observar que se trata de uma crítica feita por Lispector aos intelectuais de sua época que se deixavam levar pela retórica discursiva que pouco retratava.

Edward Said, ao apresentar sua visão sobre o intelectual, categoriza-o como um “exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.”<sup>90</sup> Posiciona-se como um questionador do nacionalismo patriótico, do pensamento corporativo e do sentido de privilégio de classe, etnia ou gênero. Em outras palavras, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face das pressões do mundo contemporâneo.

---

<sup>87</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.12.

<sup>88</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.12.

<sup>89</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.15.

<sup>90</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.15.

O autor destaca que o intelectual é um exilado e está só por expor um posicionamento crítico e reflexivo sobre o que lhe é apresentado. Para ele, a condição de exílio significa que o intelectual estará sempre à margem. Observa:

O exílio é um modelo para o intelectual que se sente tentado, ou mesmo assediado ou esmagado, pelas recompensas da acomodação, do conformismo, da adaptação. Mesmo que não seja realmente um imigrante ou expatriado, ainda assim é possível pensar como tal, imaginar e pesquisar apesar das barreiras, afastando-se sempre das autoridades centralizadoras em direção as margens, onde se podem ver coisas que normalmente estão perdidas em mentes que nunca viajaram para além do convencional e do confortável.<sup>91</sup>

Segundo o crítico, o intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação, pois não se trata de ser pacificador nem criador de consensos, mas de alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, desafiando a autoridade imperfeita ou opressora. Relação direta com as palavras do personagem Rodrigo S. M., quando diz precisar falar da nordestina senão sufoca, já que ela o acusa e o meio de se defender é escrever sobre ela.

Na esteira de Said, há duas características essenciais da ação social: a primeira está em promover a atividade humana e o conhecimento; a segunda, em saber como usar bem a língua e quando intervir por meio dela. Segundo o autor:

Cada região do mundo produziu seus intelectuais, e cada uma dessas formações é debatida e argumentada com a paixão ardente. Não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum grande movimento contra-revolucionário sem intelectuais. Os intelectuais têm sido os pais e as mães dos movimentos e, é claro, filhos e filhas e até sobrinhos e sobrinhas.<sup>92</sup>

Em suma, o trabalho de Edward Said insiste no fato de o intelectual ser um indivíduo com papel público na sociedade, não podendo ser reduzido simplesmente a um profissional sem

---

<sup>91</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.70.

<sup>92</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.25.

rosto. O intelectual, por essa perspectiva, deve ser um indivíduo dotado de vocação para representar, articular uma mensagem e dar-lhe corpo, um ponto de vista, uma atitude filosófica. Esse posicionamento dialoga com o que aponta Gramsci: “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.”<sup>93</sup>

Também as palavras de Julien Benda (2007) ratificam o debate em *A tradição dos intelectuais*, contribuindo para a concepção do intelectual na perspectiva que move este livro. O autor denominou intelectual a classe de homens cuja atividade não visa fins práticos, mas que busca alegria no exercício da arte, da ciência ou da especulação metafísica; em outras palavras, na posse de um bem atemporal. Vale esclarecer que os principais valores intelectuais são, para ele, a Justiça, a Verdade e a Razão, destacando-se três características: estáticos, desinteressados e racionais. Para o pesquisador, o papel do intelectual “não é mudar o mundo, mas permanecer fiel a um ideal cuja manutenção (lhe) parece necessária à moralidade da espécie humana.”<sup>94</sup>

Dessa maneira, é oportuno utilizar as palavras de Beatriz Sarlo (2005) quando ela aborda o discurso do intelectual em seu livro *Paisagens imaginárias*. Para a autora, o discurso do intelectual deve ser significativo para a sociedade e, especialmente, para os setores populares; o discurso dos intelectuais deve representar o povo, o proletariado, o país ou até mesmo o partido. Nessa perspectiva, o intelectual deve deslocar-se das questões parciais e específicas para as perspectivas globais: instalar-se, conseqüentemente, na esfera pública e ali construir sua interlocução.

Em suma, o intelectual deve estar pronto para transitar entre as esferas da ação e da reflexão. Ação, essa, não como sinônimo de ativismo partidário, mas, sim, como resultado de reflexões sobre o contexto.

---

<sup>93</sup> GRAMSCI. *Os intelectuais e a organização da cultura*, p.7.

<sup>94</sup> BENDA, *apud* MATTOS. *O perfil do escritor pós-moderno* Silviano Santiago, p.113.

As palavras de Eduardo Prado Coelho, em *O papel do intelectual hoje*, contribuem para a síntese do pensamento até então apresentado neste texto:

Para aqueles que odeiam os intelectuais, qualquer intelectual é um pseudo: no fundo, é alguém que comete a fraude de afirmar que pensa mais do que os outros, no fundo é alguém que vê tudo em termos abstractos e ignora a complexidade do concreto; no fundo, é alguém que sobrepõe as idéias ao saber que não tem; no fundo ainda, é alguém que faz profissão de pensar quando todos pensam naturalmente sem fazer disso ofício e acrescentam a esse hábito saudável o exercício honesto de uma profissão.<sup>95</sup>

Coelho (2004) define o papel dos intelectuais como aqueles que, numa sociedade, geram a matéria simbólica e têm responsabilidades em relação a ela, isto é, em relação ao uso e manipulação dos símbolos. Convém destacar que esses símbolos não são mais relativos à Igreja, visto tratar-se de intelectuais da Universidade, já que é a Universidade que lhes dá aquela plataforma de autoridade na qual um intelectual se apoia.

Cabe dizer que, por essa perspectiva, a Universidade é um espaço de liberdade e razão crítica, não se tratando de formar as pessoas apenas para o saber, mas de formá-las na sua humanidade pelo próprio saber, mesmo que isso, às vezes, seja tão difícil de ser alcançado. Por isso, o pseudo-intelectualismo que, frequentemente, ronda os muros da Universidade, deve ser combatido. Seguindo tal raciocínio, cabe a todos nós marcar o lugar de onde falamos como um lugar que comprove um saber local e que dê validade a uma cultura que não obedece aos moldes internacionais.

É nesse sentido que Coelho (2004) assevera que o que define um intelectual é a capacidade de dizer não, isto é, tornou-se uma marca do intelectual conseguir negar o existente. Daí remetermos nosso olhar a Lispector e perceber que ela diz não ao narrador tradicional e

---

<sup>95</sup> COELHO, *apud* MARGATO & GOMES. *O papel do intelectual hoje*, p.13.

transformar-se em uma “tradutora” <sup>96</sup> da cultura nacional. Uma tradução que a coloca como testemunha do universal, responsável pelos valores fundamentais da humanidade e possibilita-lhe traduzir as linguagens entre as culturas. Em suma:

[...] aquilo que podemos defender como um novo papel para os intelectuais é precisamente o de tradutor, no sentido amplo do termo: isto é, aquele que procura manter espaços em comum através de uma intervenção que estabeleça pontes entre os diversos códigos por vezes extremamente diferenciados. <sup>97</sup>

Para Coelho (2004), “essa postura que os intelectuais precisavam assumir para cumprirem a sua missão, confronta-se hoje com um clima de relativismo, com a ausência de sujeitos históricos com dimensão universal.” <sup>98</sup> Dessa maneira, a escritora Clarice Lispector pode ser vista como uma intelectual que aceitou sua missão de *subversão profética* <sup>99</sup> e mudança política, em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural, deixando bem marcado seu lugar de intelectual comprometida com o momento histórico.

Acreditamos, assim, que a produção de Lispector ganhou muito, na medida em que seus escritos não tinham, obrigatoriamente, compromisso imediato com o presente, pois sua obra pode ser comparada ao vinho, que com o passar do tempo amadureceu, trazendo consigo reflexões atemporais sobre nosso País. Esse fato é comentado por Rodrigo S. M. na passagem:

Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento. <sup>100</sup>

---

<sup>96</sup> A respeito dessa temática, conferir especificamente o trabalho de Edgar Nolasco “Clarice Lispector tradutora”, na Revista Cerrados do Programa de Pós-Graduação em Literatura n.24 da UNB.

<sup>97</sup> COELHO, *apud* MARGATO & GOMES. *O papel do intelectual hoje*, p.21.

<sup>98</sup> COELHO, *apud* MARGATO & GOMES. *O papel do intelectual hoje*, p.21.

<sup>99</sup> BOURDIEU, *apud* SILVA. Podemos dispensar os intelectuais? p.40.

<sup>100</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.18.

Dessa forma, entendemos que o intelectual é aquele que abre espaço através da reflexão, para que o outro tenha lugar, para que o que foi silenciado venha a ser falado. Trataremos, a seguir, do projeto intelectual subalterno de Rodrigo S. M. /Clarice Lispector, refletindo sobre o fato de que tal postura pode ser vista como uma crítica ao sistema vigente no País, em um contexto histórico tomado pela repressão do regime militar, uma vez que, “o objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.”<sup>101</sup> Isso nos responde ao questionamento sobre o porquê de concebermos o intelectual Rodrigo S.M. como um subalterno.

---

<sup>101</sup> SAID. *Representações do Intelectual*, p.31.

## 2. *A hora da estrela e o Brasil de 70* <sup>102</sup>

Para tratarmos da temática do lugar seria impossível separá-la do seu contexto, dessa forma, *grosso modo*, tratar-se-á aqui a respeito do contexto histórico-cultural do País, a partir da década de 1930, até o foco de maior discussão sobre o regime militar, a década de 1970.

É conveniente lembrar que, no período de 1930-1945, tanto a literatura quanto as artes plásticas, no Brasil, foram essencialmente “ideológicas”, voltadas que estavam para a discussão dos problemas brasileiros. Em 1945, terminada a Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, a ditadura de Vargas, o mundo passara a viver a Guerra Fria e, nosso País, um período democrático e desenvolvimentista, que chegaria à euforia no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Foi em plena instalação do regime militar (1964-1985) - período esse em que toda liberdade de expressão e idealismo foi abarcado por um poder opressor - que Clarice Lispector atingiu seu ápice com a publicação das obras: *A paixão segundo GH* (1964) e *A Legião Estrangeira* (1964).

A respeito de tal regime, o livro *História do Brasil*, de Boris Fausto, expressa com clareza a imposição ditatorial:

O movimento de 31 de Março de 1964 tinha sido lançado aparentemente para livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia, mas o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos, chamados de Atos Institucionais (AI). Eles eram justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções.” <sup>103</sup>

No País, com o passar dos anos, tornava-se cada vez mais difícil manter os princípios básicos da democracia, inclusive “os estudantes que tinham tido um papel de relevo no período

---

<sup>102</sup> Uma primeira versão deste texto encontra-se publicada no livro *Espectros de Clarice: uma homenagem*, organizado pelo professor Dr. Edgar César Nolasco.

<sup>103</sup> FAUSTO. *História do Brasil*, p.465.

Goulart foram, especialmente, visados pela repressão.”<sup>104</sup> Assim, com o início da década de 1970, década, aliás, da publicação de *A hora da estrela*, as manifestações sociais se tornaram mais evidentes, constituindo-se a prova de força contra o governo, no qual “um verdadeiro clima de terror político, que se refletiria num forte controle da produção cultural do país.”<sup>105</sup>

A partir disso, a música ufanista voltou à cena, lembrando os tempos de Estado Novo e de Ari Barroso, em *Aquarela do Brasil* (1939) e *Eu te amo meu Brasil* (xenofobia e auto-elogio ao regime militar).<sup>106</sup>

Com a chegada do “sesquicentenário”, em 1972, o Brasil completou 150 anos de independência política e, em meio a essa euforia, a esperança fora amplamente disseminada por ações e slogans, como: *Brasil: ame-o ou deixe-o*. De acordo com Brandão e Duarte, no livro já mencionado:

[...] a palavra de ordem era “integração nacional”, tanto para o governo militar, que precisava legitimar o seu poder a todo o custo, para os grandes meios de comunicação, que precisavam atingir todos os mercados consumidores do país para oferecê-los aos anunciantes.<sup>107</sup>

Criou-se, assim, uma espécie de agência de massificação e sofisticaram-se os meios de apropriação de uma cultura popular que abarcasse a população a uma integração nacional a partir de certos padrões culturais.

Todavia, essa tentativa de massificação cultural sofreu os reflexos da contracultura, ou seja, “cultura marginal”, “arte marginal”, “arte contracultural”, que tratava do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo vigentes no País, sendo difundida através das

---

<sup>104</sup> FAUSTO. *História do Brasil*, p.467.

<sup>105</sup> FAUSTO. *A história do Brasil*, p.479.

<sup>106</sup> BRANDÃO & DUARTE. *Movimentos culturais da juventude*, p.12.

<sup>107</sup> BRANDÃO & DUARTE. *Movimentos culturais da juventude*, p.8.

publicações de jornais e revistas, como *o Pasquim*, *Flor do mal*, *Bondinho*, dentre outros. Dessa forma, as forças populares em processo de reorganização voltam a se expressar através de manifestações estudantis (1977) e greves que, a partir de 1978, agitavam o ABC Paulista, reivindicando aumentos salariais e liberdade de organização sindical que, por sua vez, impulsionaram a busca pela abertura política, que se concretizaria nos anos 1980. Dito isso, é fácil encontrar nas obras de Clarice Lispector toda essa saga pela luta social e cultural que perdurou por toda década de 1970.

De acordo com Silviano Santiago, no livro *Nas malhas da letra*, uma das funções da literatura, naquele momento histórico e cultural, era:

[...] refletindo sobre a maneira como funciona e atua o poder, a literatura brasileira pós-64 abriu campo para a crítica radical e fulminante de toda e qualquer forma de autoritarismo, principalmente aquela que, na América Latina, tem sido pregada pelas forças militares quando ocupam o poder, em teses que se camuflam pelas leis de segurança nacional.<sup>108</sup>

Clarice Lispector, em seu livro *A hora da estrela*, articula a descrição do ambiente e as condições vividas por suas personagens: o tão sonhado “milagre” brasileiro (1969-1973), período marcado pelo extraordinário crescimento econômico, deixando de lado os setores de saúde, educação e habitação.

A autora evidencia as mazelas sociais existentes na época ao apresentar o contexto social da retirante nordestina Macabéa, perdida *na cidade grande toda feita contra ela*:

O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre, entre prostitutas que serviam os marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro, Rua do Acre. Mas Que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso, pois tenho terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> SANTIAGO. *Nas malhas da letra*, p.15.

<sup>109</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.30.

Marcada, assim, por um contexto tomado pela insegurança, a autora se vê cercada pela força do regime militar e pela imposição do AI-5, que assombrou toda a década, vivendo uma espécie de neurose militar, em que a alegria de escrever que impulsionava a vida da escritora era abarcada pela profunda tristeza de relatar o que acontecia com o País. Foi dessa forma que Lispector conseguiu tratar de subalternidade em nossa língua, sem, no entanto, ser subalterna.

De acordo com Antonio Candido, “a ditadura militar - com violência repressiva, a censura, a caça aos inconformados-certamente aguçou por contragolpe, nos intelectuais e artistas, o sentimento de oposição, sem com isto permitir a sua manifestação clara” <sup>110</sup>. Tomemos como exemplo a seguinte citação:

Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar? Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha profunda tristeza e que tristeza era uma alegria falhada. Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra. <sup>111</sup>

Pode-se dizer, então, que Lispector posicionou-se, enquanto intelectual que questionava seu lugar e tempo; mostrou sua face diante da história tomada pela repressão da ditadura, sem precisar, jamais, filiar-se a algum partido ou levantar bandeira, para que sua opinião fosse ouvida ou vista.

Na esteira de Candido (1972), pensar que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal, uma vez que a construção literária exprime uma visão coerente da sociedade. Cabe, assim, analisar a intimidade da obra e não propor uma mera questão de valor, como também sugeriu Bakhtin: o “conceito de estético não pode ser extraído da obra de arte pela via intuitiva ou empírica”. <sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, p.212

<sup>111</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.38.

<sup>112</sup> BAKHTIN. *Questões de Literatura e Estética*, p.16.

Para atestar tal interesse na relação literatura e história, tomam-se as palavras de Walter Benjamin, em análise sobre o conceito de história: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi.’ Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo,” <sup>113</sup> quando, então, se analisa o texto literário como representante de uma época, a fim de refletir sua relação de enfrentamento/concordância com o discurso histórico.

---

<sup>113</sup> BENJAMIN. *Magia e Técnica, Arte e Política*, p.224.

## 2.1. O projeto do intelectual subalterno Rodrigo S. M. / Clarice Lispector

Mas é que o erro das pessoas inteligentes é tão mais grave: elas têm os argumentos que provam. Clarice Lispector, *O erro dos inteligentes*.

Por meio do personagem Rodrigo S.M. (na verdade Clarice Lispector), a autora nos faz pensar sobre o papel, condição social e cultural do intelectual e, por extensão, dos seres marginalizados que percorrem a narrativa, a exemplo de Macabéa e Olímpico.

A análise do personagem Rodrigo S. M. leva-nos a descentrar o posto, a posição classista e “elitista” que a figura do intelectual sempre ocupou na sociedade. Edgar Nolasco pontua que:

[...] pôr-se à posição de margem, como fez o autor de Macabéa, é aceitar o desafio corajoso e pessoal de abrir mão de sentir o bom gosto do lugar confortável resguardado pela tradição literária ao intelectual.<sup>114</sup>

Como afirma Rodrigo S.M., “abandonar sentimentos antigos já confortáveis”<sup>115</sup> significa abandonar sentimentos românticos, destruir conceitos confortáveis e sentir-se no direito de questionar a falta de bom gosto estético. Para Nolasco (2007), “a consciência crítica de Clarice Lispector, interposta à *persona* de Rodrigo S.M., é tão exacerbada, tão pública, diria, que funciona como uma gargalhada debochada e não menos irônica que ela dá à própria sociedade.”

<sup>116</sup> Tal posicionamento crítico pode ser observado quando Rodrigo S. M. observa “que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo a máquina.”<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.40.

<sup>115</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.26.

<sup>116</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.41.

<sup>117</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.26.

Ao se discutir o papel intelectual de Lispector, pode-se entender melhor seu projeto literário e de que forma seu trabalho apropria-se da definição de Said e outros pesquisadores, que vêm o intelectual como um questionador do *status quo*. Para tanto, cabe enfatizar sua função de intelectual diante da sociedade: um agente do saber prático cuja contradição maior o leva a juntar-se ao movimento pela universalização das classes desfavorecidas. Classes essas que desfilam, especialmente pela última obra de Lispector e obtêm notoriedade, ou, pelo menos, lhe é dado o direito de um “balbucio” <sup>118</sup> ante suas necessidades.

Chama-se a atenção para o diálogo explícito, nas palavras do personagem Rodrigo S.M. e o intelectual Jean Paul Sartre, acerca do lugar do intelectual. Para Sartre (1994), não há dúvida de que o intelectual não pode “fazer parte de uma elite, pois não dispõe, no início, de nenhum saber e, em consequência, de nenhum poder.” <sup>119</sup> Sartre afirma que o intelectual é banido pelas classes privilegiadas e posto em dúvida pelas classes desfavorecidas - por causa da própria cultura que põe a sua disposição. Nessa direção, o personagem-escritor de Lispector afirma:

E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? [...] Antecedentes meus do escrever? Sou homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais! Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que possa desequilibrá-la, a baixa nunca vem a mim. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados. <sup>120</sup>

Ainda sobre as ponderações de Sartre, tem-se o intelectual como um “suspeito às classes trabalhadoras, traidor para as classes dominantes, recusando sua classe sem jamais poder se

---

<sup>118</sup> Termo utilizado por Hugo Achugar em seu livro *Planetas sem boca*.

<sup>119</sup> SARTRE, *apud* MATTOS. *O perfil intelectual do escritor pós-moderno Silviano Santiago*, p.54.

<sup>120</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.24.

livrar totalmente dela.”<sup>121</sup> O escritor-autor Rodrigo S. M. encontra-se trancado, segundo ele mesmo, num cubículo de onde tem a “veleidade de querer ver o mundo, ou mais precisamente, a vida-mundo de Macabéa.”<sup>122</sup> Trata-se, portanto, de uma narrativa conduzida por um escritor-personagem preso a seu trabalho com a escrita e que, às vezes, perde-se em suas divagações. Lispector possui interesses precisos e os deixa expostos ao mascarar-se nesse narrador para contar a história da pobre moça Macabéa, visto que “uma escritora mulher poderia lacrimejar piegas.”<sup>123</sup> Daí poder-se apontar que a escritora, nas entrelinhas desse discurso, começa a posicionar-se e apontar preconceitos contra a mulher e a escrita feminina.

Valendo-se do escritor-personagem Rodrigo S. M., Lispector zomba, brinca, gargalha ironicamente na figura do narrador masculino de toda tradição narrativa brasileira anterior a ela. Reinterpreta os lugares prontos do feminino e do masculino, no imaginário cultural patriarcal, revendo, assim, o conceito de sujeito autoral.

Questionada, em entrevista,<sup>124</sup> sobre qual seria o papel do intelectual na década de 1970, no Brasil, Lispector respondeu: “o de falar menos possível”, deixando clara sua posição àqueles que criticavam sua postura em face do contexto da época, pois se entende que a preocupação com a realidade social e cultural brasileira sempre esteve embasando o pensamento da intelectual, repercutindo, de uma forma ou de outra, em todo seu projeto literário.

Para tanto, Lispector realmente exemplifica a definição de intelectual sugerida por Said: “os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão.”<sup>125</sup> Retoma a afirmação de Said ao dizer que “uma das

---

<sup>121</sup> SARTRE, *apud* MATTOS. *O perfil intelectual do escritor pós-moderno Silviano Santiago*, p.55.

<sup>122</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.22.

<sup>123</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.20.

<sup>124</sup> Entrevista concedida ao programa Panorama cultural da TV Cultura em 1977, sob compromisso de que essa entrevista fosse exibida apenas após o falecimento da escritora.

<sup>125</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.27.

tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias que tanto limitam o pensamento humano.” E Lispector o faz magistralmente no momento em que se interpõe ao personagem Rodrigo S. M.

Pode-se tomar, como exemplo, a epígrafe deste capítulo, “sim, não tenho classe social, marginalizado que sou,” em que o intelectual põe-se na condição e lugar descritos por Said anteriormente, ou seja, a produção cultural de Lispector não responde “à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção.” <sup>126</sup>

Rodrigo S. M. tenta falar por Macabéa e Olímpico, mas nunca sentiu na pele o que é realmente ser um marginal e subalterno. Tal literatura da margem, proposta por Lispector, nos faz rever e descentrar o olhar do centro (urbano) e das margens geopolíticas da nação. Não é em vão que os personagens citados parecem nascidos condenados a viver e estar na condição de marginais, isto é, à margem do centro letrado.

Dessa forma, o conceito de margem e, por extensão, do sujeito marginal, tem tido um sentido cultural depreciativo no País. Para o pesquisador Edgar Nolasco, os grandes centros urbanos, por exemplo, encarregam-se de excluir, preconceituosa e naturalmente, as margens. Podemos observar, todavia, que, em se tratando da realidade brasileira, de hoje, “a margem (ou margens) se desfez, o centro implodiu, e as fronteiras não estão tão nítidas.” <sup>127</sup>

Continua Nolasco:

Literatura da margem, sem ser necessariamente marginal, literatura regional, sem ser obrigatoriamente universal, são exemplos que nos obrigam a descentrar o olhar do centro (urbano) e rever as margens geopolíticas da nação. <sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> SAID. *Representações do intelectual*, p.70.

<sup>127</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.78.

<sup>128</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.78.

Para tanto, Clarice Lispector põe-se como intelectual na posição defendida por Hélio Oiticica (2007), numa “posição de margem,” <sup>129</sup> que procura “colocar no sentido social bem claro a posição do criador, que não só denuncia uma sociedade alienada de si mesma, mas propõe, por uma posição permanentemente crítica, a desmistificação dos mitos da classe dominante, das forças de repressão [...]” <sup>130</sup>

Em outro momento, o escritor Rodrigo S. M. aponta seu posicionamento crítico diante da realidade brasileira: “Porque há direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.” <sup>131</sup> Observa-se, nesse momento, o quanto a escritora cumpre seu papel de intelectual preocupada com a realidade do País e joga para que todos vejam as mazelas existentes na sociedade brasileira.

Personagens subalternos, que saem do nordeste do País para tentar a vida no sul, não são meramente expostos pela escritora; cumprem seu papel crítico, marcando o discurso questionador de Lispector, fiel a seu projeto intelectual. Segundo Rodrigo S. M., “se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia.” <sup>132</sup>

Em suma, por que afirmamos que Rodrigo S. M. é um intelectual subalterno? Talvez por ele escrever sobre uma subalterna, talvez por ser ele um latino-americano, talvez porque, ao escrever sobre Macabéa, ele se liberta e ganha seu direito ao grito.

Tais colocações poderiam responder a esse questionamento, entretanto, acreditamos que Rodrigo S. M. seja um intelectual subalterno justamente porque ele está à margem da literatura

---

<sup>129</sup> OITICICA, *apud* NOLASCO. *Caldo de Cultura*, p.80.

<sup>130</sup> OITICICA, *apud* NOLASCO. *Caldo de Cultura*, p.80.

<sup>131</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.13.

<sup>132</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.30.

nacional, trata-se de um intelectual que não conseguiu escrever uma grande obra, e dessa forma, não ocupa um lugar no cânone. Ou seja, o narrador escritor Rodrigo S. M. é um operário da palavra que não conseguiu elevar seu lugar e, por isso, está fora do poder hegemônico.

Por outro lado, podemos dizer que Rodrigo S. M. não é um subalterno porque nunca ocupou o lugar daqueles que ele tenta representar. Daí, talvez, entendermos o quanto o contexto social influenciou na produção da obra, uma vez que, transvestida no personagem narrador, Lispector critica não só o contexto da época, mas o posicionamento de todos aqueles que se intitulavam intelectuais naquele momento histórico.

Por fim, entendemos, na esteira de Antonio Candido, que a literatura de Lispector, representa a literatura do contra. Contra a escrita elegante, antigo ideal castiço do País, contra a convenção realista, baseada na verossimilhança e o seu pressuposto de uma narrativa, isto é, a concatenação graduada das partes pela técnica da dosagem dos efeitos; finalmente, contra a ordem social, sem que, com isso, os textos manifestem uma posição política determinada (embora o autor possa tê-la). Diálogo encontrado com as palavras de Silviano Santiago “o intelectual trabalha sobre o presente. Ele, raras vezes, trabalha com o presente”, o que nos permite observar que o intelectual depende de sua ação reflexiva, para melhor pensar o mundo.

Poderíamos, assim, resumir o trabalho de Lispector em *A hora da estrela* com as palavras de Candido “a negação implícita sem afirmação explícita da ideologia,”<sup>133</sup> retomando uma das citações pertinentes de Clarice: “não estrague as entrelinhas com palavras.”

---

<sup>133</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, p.212.

## 2.2 O direito ao grito do subalterno em *A hora da estrela* <sup>134</sup>

A pobreza é feia e promiscua. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, p.22.

Após apresentar o intelectual, seu papel e função no contexto histórico, atravessado pela análise de *A hora da estrela*, objetivamos, aqui, refletir sobre a contribuição da intelectual Clarice Lispector para a diluição de certezas, uma vez que ela fecha seu projeto literário com uma obra síntese, expondo a face subalterna de nosso País. Talvez, seja, por isso que, para Lispector, suas últimas personagens sejam todas consideradas subprodutos, “rebotinhos da sociedade”, a exemplo de seu apontamento na dedicatória do livro *A hora da estrela*:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma-dê. <sup>135</sup>

Eneida Maria de Souza (2002), no ensaio “A teoria em crise”, ao discutir a crise evidenciada pelo título, lembra-nos que:

[...] não se trata mais de considerar a literatura na sua condição de obra esteticamente concebida, ou de valorizar os seus critérios de literariedade, mas de interpretá-la como produto capaz de suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico. <sup>136</sup>

Dessa forma, pensar a obra de Clarice Lispector sem estar preparado para uma reflexão interior (pessoal) e, ao mesmo tempo, do real (social), é perder a chance de conhecer uma visão

---

<sup>134</sup> Uma primeira versão deste texto encontra-se publicada na 4ª ed. da Revista *Travessias* sob o título “O intelectual revisitado em *A hora da estrela* de Clarice Lispector”. Disponível em [www.revistatravessias.com.br](http://www.revistatravessias.com.br)

<sup>135</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.10.

<sup>136</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.68.

crítica do mundo, antes pouco explorada na sua produção, e que ainda tem muito a contribuir para o debate teórico-crítico.

Entendemos que Lispector, ao tratar de forma tão específica de questões sociais, políticas e culturais do País, contribuiu, sobremaneira, na busca por um momento mais digno da população brasileira. Para Jaime Ginzburg (2003), é nesse momento que “se encontra na produção da autora, abordagens de temas ligados à precariedade da constituição individual e a dificuldade da sociedade brasileira em sustentar e viabilizar um projeto burguês de modernização.”<sup>137</sup> Já Rosani Umbach (2001) constata que “Clarice Lispector parece querer denunciar uma forma de literatura socialmente descomprometida, que glorifica a simplicidade das classes humildes do povo, questionando o papel da literatura em um contexto social autoritário.”<sup>138</sup> Corrobora com o que tentamos demonstrar neste livro, a afirmação de Lispector quando ainda vivia em Recife: “em Recife eu ia aos domingos visitar a casa de nossa empregada nos mocambos. E o que eu via me fazia como que me prometer que não deixaria aquilo continuar. Eu queria agir.”<sup>139</sup>

Vemos que Lispector realmente agiu, ao pegar no ar os olhares perdidos das pessoas que vieram tentar a vida no clã do sul do país, transformando-se assim na saga da retirante Macabéa na obra *A hora da estrela*.

A estrela, de que trata o pequeno livro, é comparada a uma estrela de cinema, que alcança notoriedade na hora da morte, como um *gran finale* de um filme, transformando, assim, a história da pobre moça Macabéa na história de tantas outras pessoas que estão à margem da

---

<sup>137</sup> GINZBURG. *Clarice Lispector e a razão antagônica*, p.86.

<sup>138</sup> UMBACH. *Em busca de Christa T. e a Hora da estrela*, p.119.

<sup>139</sup> LISPECTOR, *apud* GOTLIB. *Clarice fotobiografia*, p.87.

sociedade, mas que, na hora da morte, são apenas mais um número nas estatísticas do esquecimento.<sup>140</sup>

Dizemos isso, pois, a personagem Macabéa tinha grande admiração pelas artistas do cinema hollywoodiano, Marilyn Monroe e Greta Garbo. Essa fascinação ressalta o alcance da cultura produzida para as massas, fomentado pela indústria cultural e propagado pelos ícones de consumo, a exemplo de carros como o Mercedes e refrigerante Coca-cola. Parecer com Marilyn Monroe era um ideal, não só para Macabéa, como para milhares de jovens que viam naquela mulher a representação do mundo perfeito e a tão sonhada felicidade:

No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada.<sup>141</sup>

Dessa forma, não é em vão que Lispector escolhe justamente uma grande estrela para tirar a vida da personagem Macabéa, “uma pessoa grávida de futuro,”<sup>142</sup> que é atropelada por um Mercedes amarelo. Lispector faz emergir, não só uma crítica ao esquecimento daqueles que estão à margem da sociedade, mas, também, um questionamento sobre a influência estrangeira em nosso País. Por que exatamente um Mercedes? Questiona-se, aqui, até onde os bens de consumo guiam ou não nossas decisões, se lembrarmos que, naquele momento histórico, tínhamos a ascensão da companhia Mercedes Bens, no Brasil.

Para melhor expor esse questionamento, trazemos a afirmação do narrador Rodrigo S. M. ao tocar na temática da influência cultural dos bens de consumo:

---

<sup>140</sup> Uma análise sob o prisma dos estudos culturais acerca da obra *A hora da estrela*, encontra-se publicado sob o título “Literatura e cultura: o mercado cultural em *A hora da estrela* de Clarice Lispector” no livro *O objeto do desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos na pós-graduação*, organizado pelo professor Dr. Edgar Cezar Nolasco.

<sup>141</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.62.

<sup>142</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.79.

O registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. – por que essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente. <sup>143</sup>

Cabe lembrar que Macabéa sempre esteve em busca dos produtos oferecidos pelo mercado e estendidos aos bens simbólicos e culturais, mas nunca teve a oportunidade de alcançá-los, pensamento estendido a suas companheiras de quarto: Maria da Penha, Maria da Graça, e a terceira, apenas Maria, que trabalhavam nas “Lojas Americanas”, mas não podiam ter os produtos que vendiam.

Mesmo que não fosse uma preocupação da própria Clarice, reconhecemos, entretanto, que não se pode impedir que isso seja lido em seu livro, se considerarmos o contexto da época e a biografia da escritora. No livro, *Restos de ficção*, Edgar Cézar Nolasco, tecendo uma análise biográfica que toma vida e obra na mesma proporção, conclui que:

[...] no início de seu projeto literário, o ficcional seria o lugar onde o traço biográfico se escondia; no decorrer desse projeto acontece justamente o oposto: agora é o ficcional que vai ficar “colocado” ao vivido, confundindo-se com ele. O vivido passa a ser ficção. <sup>144</sup>

Remetendo nossa análise ao posicionamento crítico, já mencionado, da escritora, ela parece tratar de questões sociais com uma verdadeira vontade de fazer justiça, como confirma a crônica de 16 de setembro de 1967, na qual aborda a problemática da fome: assunto sempre tão discutido no País, seja por meio do projeto Fome-Zero do governo, seja por meio da mídia que informa que crianças morrem de desnutrição pelo mundo afora.

---

<sup>143</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.23.

<sup>144</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.78.

Questionada se saberia calcular o Brasil “daqui a vinte e cinco anos” (este é o título da crônica), responde que *nem daqui a vinte e cinco minutos*, embora já previsse, naquela época, que a busca por uma situação econômica mais digna “de um povo estava por se desenrolar, pois o povo já havia dado mostras de ter maior maturidade política do que a maioria dos políticos.” <sup>145</sup>

Na crônica, parece-nos evidente que a autora desejava que o problema da fome se resolvesse, pois o povo, que sempre estivera à espera de práticas sociais mais justas por parte do governo, não poderia esperar mais.

Dando um salto para nosso objeto de estudo, Rodrigo S. M. lembra-nos de forma nua e crua que, se por um lado Macabéa não mendigava comida, por outro, “havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome.” <sup>146</sup> Não mendigava comida nem nada mais; só que não é demais lembrar que “às vezes, antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir.” <sup>147</sup>

Como se vê, a questão da fome foi uma constante na vida da autora. Nesse sentido, o livro *A hora da estrela* faz justiça ao projeto da intelectual, visto que todas aquelas questões referentes à injustiça social, que ficaram em pano de fundo na narrativa clariciana, agora estampam a superfície textual de sua última obra.

Com isso, Lispector deseja alcançar a cura para esse tão temido câncer social. E espera que “os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer” <sup>148</sup>. “Esse quem será que existe?” <sup>149</sup>

---

<sup>145</sup> Grifo da autora.

<sup>146</sup> LISPECTOR. *A Hora da estrela*, p.37.

<sup>147</sup> LISPECTOR. *A Hora da estrela*, p.39.

<sup>148</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.26.

<sup>149</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.14.

Seria essa mais uma previsão de Clarice Lispector? Metaforicamente, o contexto político atual ilustra bem o que descrevia a autora, uma vez que o Brasil teve na presidência da república, Luís Inácio Lula da Silva, um político que saiu das massas e alcançou o posto mais alto da nação. Na mesma crônica, a autora afirma que *o povo terminaria liderando os líderes*, o que significa tratar-se da figura de um subalterno que alcançou o seu direito ao grito, saindo, assim, de uma situação subalterna para participar da produção cultural do País. Surge, dessa forma, um representante que advém da margem para ocupar seu lugar no centro e dar voz ao subalterno, dando um salto da ficção para a realidade.

Na esteira de Edgar Nolasco, enfatizamos, se, por um lado, Lispector acertou em cheio no tocante à sua previsão do líder político do povo brasileiro, por outro lado seu desejo, menos do que previsão, continua sem solução, apesar de o assunto ter estado na agenda de trabalho do referido presidente da nação, seja como no já citado programa Fome Zero e como na bolsa alimentação.

Vejamos, então, as palavras de Lispector:

[...] posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos.<sup>150</sup>

Tal engajamento, observado nas palavras da escritora, é tão atual e latente na sociedade brasileira, que, conforme observou Ligia Chiappini, bem “poderia servir de mote à campanha do combate à fome do governo Lula.”<sup>151</sup> Esse problema da fome é tão persistente na consciência crítica da escritora que, retomando suas palavras na crônica já citada, ilustra a real situação da

---

<sup>150</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.25-26.

<sup>151</sup> CHIAPPINI, *apud* PONTIERI (Org.) *Leitores e leituras de Clarice Lispector*, p.240.

fome em nosso País, podendo ser vista, hoje, como uma epidemia, pois já afeta todo o País sem distinção regional:

[...] a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome.<sup>152</sup>

Cabe, aqui, trazer à tona o que o governo diz sobre sua atuação no programa modelo para acabar com a fome:

[...] o Fome Zero é uma política pública que visa à erradicação da fome e da exclusão social. É uma política pública porque expressa a decisão do governo federal de enquadrar o problema da fome como uma questão nacional central e não como uma fatalidade individual. O estado está alocando recursos humanos e financeiros em praticamente todas as suas áreas de atuação com o objetivo de estender os direitos de cidadania a milhões de brasileiros excluídos.<sup>153</sup>

Como vemos, trata-se de um texto muito bonito, mas que ainda não cumpriu seu devido papel social, talvez, porque continuamos a ver nos noticiários e jornais o que se faz com o dinheiro público, a exemplo do quanto é gasto com viagens, despesas e “mensalões” de deputados e senadores que representam a nação, enquanto aqueles que realmente necessitam mantêm-se excluídos e marginalizados nessa sociedade hipócrita.

Entendemos que, apesar de Lispector negar em toda sua vida intelectual, que não escrevia sobre problemas sociais, seu projeto intelectual vem desmenti-la, uma vez que ele se arquiteta com base nos traços biográficos-sociais inerentes à trajetória e à condição de vida de sua mentora. À pergunta que ela mesma teria feito sobre sua participação nos problemas da vida nacional, respondeu:

---

<sup>152</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 26. É ilustrativo lembrar que em matéria do Fantástico exibida no dia 05-01-2006 pessoas expunham placas na beira das rodovias, onde se lia: “precisamos de comida”.

<sup>153</sup> Disponível em: <http://www.fomezero.gov.br> Acesso em: 05-04-2008.

[...] como brasileira seria de estranhar se eu não sentisse e não participasse da vida de meu país. Não escrevo sobre problemas sociais mas eu os vivo intensamente e, já em criança, me abalava inteira com os problemas que via ao vivo.<sup>154</sup>

Caberia aqui refletir como o traço biográfico contribuiu para o desenvolvimento da obra de Lispector e até que ponto a vida se confunde com a obra e vice-versa. Tal análise será explorada no próximo capítulo, pois antes privilegiaremos o cerne de nossa pesquisa que aponta o personagem Rodrigo S.M. como um intelectual subalterno.

Para tanto e com objetivo específico de chamar a atenção ao posicionamento crítico de Lispector, recorreremos, mais uma vez, as palavras do escritor-personagem Rodrigo S.M. quando trata do poder que a palavra tem: “Conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais?”<sup>155</sup> Em outro momento: “Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura - fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir.”<sup>156</sup> Fatos esses, como a fome e a problemática social e cultural, que ainda perpetuam a subalternidade de nosso país em oposição ao centro mundial e nos deixam à margem da produção intelectual.

---

<sup>154</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p.480.

<sup>155</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.14.

<sup>156</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.16.

### 2.3 O intelectual subalterno Rodrigo S. M.

Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, Dedicatória do autor.

Após discutir de que maneira entendemos Clarice Lispector em seu papel de intelectual, tanto na cultura quanto na sociedade nacional, a exemplo do questionamento da fome, vemos que a autora expôs sua resposta àqueles que a caracterizavam como despreocupada com a temática social em suas obras, culminando seu projeto intelectual ao reescrever sua vida na obra *A hora da estrela* (1977). Essa afirmação, talvez, possa chocar alguns leitores, todavia, mostraremos, neste subcapítulo, o quanto a última obra de Lispector mantém-se atualíssima, tanto na teoria quanto na prática social, étnica e cultural brasileira.

Começemos com o seguinte questionamento: em que medida o narrador de *A hora da estrela* é um subalterno? Para responder a tal pergunta, recorreremos às palavras de Regina Dalcastagnè, no livro, *Entre fronteiras e cercado de armadilhas* (2005), especificamente em sua análise comparatista sobre as obras *A rainha dos cárceres da Grécia*, (1986), de Osman Lins, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

De acordo com a ensaísta, a obra *A hora da estrela* traz em seu bojo uma reflexão sobre o ato de criação, ou seja, suas personagens são extraídas de sua miséria, de sua mudez e fome, para representar um emaranhado “tecido de simulações”.<sup>157</sup> Para Dalcastagnè, a obra se configura numa espécie de testamento literário, estreitando as fronteiras entre criação e vida, a partir de um posicionamento ético.

Dalcastagnè toca em um ponto crucial para nossa pesquisa, ao afirmar que:

---

<sup>157</sup> LINS, apud DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.35.

Ouvir essas personagens não quer dizer transcrever-lhes a fala - isso seria fraudar suas existências, destruir as intenções de seus autores. Elas não são Carolina Maria de Jesus, a favelada, catadora de lixo e negra dos anos 1960 conseguiu impor sua voz com a publicação de seus diários. Tampouco Clarice Lispector e Osman Lins aceitariam tornar-se ventríloquos de uma classe social a qual não pertenciam. Macabéa não tem voz dentro do texto que a constitui, muito embora se recuse a aceitar tão pacificamente o discurso sobre si. [...] É que, para gente como elas, só resta ser falada, ou tomar uma fala de empréstimo.<sup>158</sup>

Essa temática, levantada por Dalcastagnè, nos permite entender e posicionar o narrador Rodrigo S. M. diante de sua criatura Macabéa, pois ela não tem nada a dizer sobre si mesma, sua existência humilde e alienada, porém diz muito sobre seu autor e sobre a elite intelectual brasileira. Essa elite, “muitas vezes insensível ao que não lhe parece dizer respeito, também se debate, vez ou outra, com a desconfortável necessidade de tomar uma posição diante de nossa realidade social. Ou, ao menos, de explicitar o próprio desconforto.”<sup>159</sup> Posicionamento já evidenciado, neste trabalho, a partir das ponderações de Edward Said.<sup>160</sup>

De acordo com Dalcastagnè, Lispector buscava em sua obra o indizível e procurava no “outro” que se perde nas ruas de uma grande cidade, a expansão de sua escrita, enfatizando o quanto a relação entre o intelectual e o povo é difícil, no Brasil.

Por essa perspectiva, vemos que Macabéa ocupa o lugar do “outro” para Rodrigo S. M.; daí, talvez, o desprezo na relação entre ambos. Macabéa é o outro, é a massa, que nunca chegará ao mesmo lugar ocupado por Rodrigo S. M. Da mesma forma, trazemos o personagem Olímpico, retirante nordestino, que vivia de favor, em construções, tendo como objetivo ser um deputado:

---

<sup>158</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.36.

<sup>159</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.36.

<sup>160</sup> Conferir especialmente o capítulo “O intelectual subalterno em *A hora da estrela*”.

“seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro.”

161

Essa massa é composta por seres de matéria amorfa, habitados pelo vazio, conformados, subalternos que não têm direito a voz ou representatividade; também é composta por um público alfabetizado, consumidor, ávido de bens culturais, ampliando, assim, a necessidade de distinção do intelectual, já que “as marcas anteriores - a começar pelo mero domínio do mundo letrado-não são mais suficientes.”<sup>162</sup>

Vale a pena lembrar que a personagem Macabéa não é somente uma *homeless*, miserável e subalterna, mas é alguém que lê e escreve, mesmo que com dificuldades, vai ao cinema, bebe coca-cola, come cachorro-quente, consome anúncios e quer saber o que significa a palavra cultura. Personagem, essa, totalmente diferente dos que costumavam ser evocados pelos intelectuais brasileiros, que agora enfrentam um público que exige das indústrias fonográficas e emissoras de televisão produtos cada vez mais degradados.

Ao apresentar Macabéa, por essa perspectiva da massa, Rodrigo S. M. assinala, a todo o momento, a distância cultural que os separa, pois precisa diferenciar-se da criatura que ele cria e, ao mesmo tempo, construir a si mesmo. Para Dalcastagnè:

Rodrigo é o escritor sofisticado, o intelectual que está acima dessas manifestações miúdas de sentimentalismo. É aquele que reflete, pondera, o que indaga o mundo com perguntas adequadas. Bem ao contrário dos parvos como Macabéa, que não sabem nem o que não sabem.<sup>163</sup>

Observa-se, dessa forma, na esteira de Dalcastagnè, que Rodrigo S. M. paira sobre o mundo, escapando à contaminação de seres, como Macabéa, pois ele acredita na própria

---

<sup>161</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.65.

<sup>162</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.38.

<sup>163</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.39.

superioridade, em sua inata capacidade de entender o mundo sem fazer parte dele, ou seja, Rodrigo S. M. expõe as entranhas de seres que vivem do lado de fora da narrativa.

Daí, talvez, o porquê de Lispector utilizar-se da figura de um narrador masculino para contar a história da pobre moça, uma vez que, ao fazê-lo, ela se exime de todas as relações e comparações com o personagem. Em contrapartida, também expõe as suas entranhas. “Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona.”

164

Dalcastagè afirma que “despossuída de tudo (dinheiro, inteligência, beleza) a jovem nordestina é usada para, por meio do contraste, oferecer identidade a Rodrigo.”<sup>165</sup> A partir daqui, poderíamos esboçar o primeiro ponto que nos faz afirmar que Rodrigo S. M. é um intelectual subalterno: ele o é porque, ao tentar escrever sobre uma subalterna, ele procura alcançar o lugar de onde a subalternidade é vista. Lugar esse que não é nominado e nem reconhecido perante aqueles que estão falando de um lugar estável, centralizado. Ou seja, ao tentar representar um marginal, ele se marginaliza, conforme suas palavras:

[...] para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina.<sup>166</sup>

Observamos, dessa forma, que Rodrigo S. M., quando escreve sobre Macabéa, tenta libertar-se de seu cativo pessoal, um cativo ocupado por intelectuais que estão habituados ao pedestal intocável que essa figura ocupava, expondo, assim, sua opinião como intelectual

---

<sup>164</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.24.

<sup>165</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.41.

<sup>166</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.19.

comprometido com a realidade cultural do País, pois, para ele: “o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro.” <sup>167</sup>

Na esteira de Dalcastagné, vemos Rodrigo S. M. como aquele que possui conhecimento, enquanto sua criatura Macabéa só tem informação. Em outras palavras, Rodrigo ocupa seu lugar de escritor, reconhecido e legitimado pela sociedade, pois ele detém os bens simbólicos, enquanto Macabéa sobrevive com o rebotalho de informações que encontra no Jornal matutino *O Dia*, anúncios comerciais que coleciona recortando-os cuidadosamente e os ensinamentos transmitidos pela Rádio Relógio.

Segundo Dalcastagné:

Essa é talvez a diferença fundamental entre informação e conhecimento - enquanto a primeira participa da ordem prática da vida, acessível às mentes mais tacanhas, o segundo se transforma numa espécie de qualidade que pode, ou não vir a ser utilizada.

<sup>168</sup>

Podemos refletir, também, que Rodrigo S. M. é um intelectual que fala de um lugar subalterno com relação à produção intelectual e cultural mundial, ele fala de seu lugar, a América Latina. Daí podermos chamar a atenção a mais um ponto que o caracteriza como um intelectual subalterno, pois ele não fala direto de um grande centro hegemônico, por extensão, fala da periferia mundial e, por sua vez, o seu lugar de fala o denuncia.

Após essas considerações, perguntamo-nos: quais são os lugares do subalterno? Recorremos ao texto de Ileana Rodríguez “Hegemonia y Domínio: subalternidad, um significado flotante,” para responder tal questionamento. Para a pesquisadora subalternista, dois pontos se destacam na busca por uma contextualização do lugar do subalterno: o primeiro está em re-

---

<sup>167</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.17.

<sup>168</sup> DALCASTAGÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.42.

pensar a relação centro-periferia (dentro/fora; local/global), o segundo está em uma discussão sobre a relação intelectual/estado (poder). Dessa forma, falar dos lugares do subalterno, de acordo com a pesquisadora, pressupõe saber quem é subalterno e se ele já tem um lugar marcado, pois se trata de um conceito escorregadio. Para ela, a subalternidade se constitui a partir da relação do sujeito com seu contexto histórico, inscrita dentro dos meios de produção. Em uma possível relação, poderíamos ter Rodrigo S.M. como representante do centro e Macabéa como a margem, mas que ambos ainda falam de um lugar periférico com relação à hegemonia cultural e do poder americanista e europeu.

Rodriguez afirma que:

‘O homem pensa como vive’, dizem em Cuba. Para Gramsci, o sujeito também pensa como vive. E dado que o sujeito subalterno é um sujeito dominado, o pensamento sobre e a partir dele aparece em primeiro plano como uma negação, um limite.<sup>169</sup>

Para Rodriguez, a subalternidade se constitui em um lugar epistemológico apresentado como um limite, negação e enigma. Na esteira de Spivak, trata-se de um limite absoluto ou lugar onde a história se narrativiza como lógica. Rodriguez continua, dizendo que há uma multi-localização dos lugares teóricos da subalternidade, e que esses lugares não devem ser perdidos de vista, e, sim, enfatizar as agências subalternas desses lugares.

Rodriguez aponta que:

O lugar do subalterno ou da subalternidade, assim concebidos, conduz hoje ao estudo da história em termos de formação de legalidades. A subalternidade se discute agora através dos significados dos conceitos de cidadanias, hegemonias, subordinações, sociedade civil, espaço público, e governabilidades. A meu ver, esse é um dos propósitos dos estudos subalternos: reconhecer o protagonismo do estado Moderno

---

<sup>169</sup> ‘El hombre piensa como vive’, dicen en Cuba. Para Gramsci, el sujeto también se piensa como vive. Y dado que el sujeto subalterno es un sujeto dominado, el pensamiento sobre y desde él aparece en primer plano como una negación, un limite. RODRIGUEZ. *Revista de Investigaciones Literarias y Culturales*, p.36.

Europeu como princípio ordenador e norma da história; de estudar a história como escola política, uma disciplina que, uma vez institucionalizada como *curriculum* dentro do sistema de ensino, cumpre a função de organizar hegemonias (homogeneidades) na esfera pública dos países centrais, e domínios (heterogeneidades) através das elites nos países ou espaços periféricos.<sup>170</sup>

Observamos, na esteira de Rodriguez, que o intelectual sempre foi discutido dentro da categoria das elites e que os subalternos estiveram do lado de fora, dominados, à margem da história e da elite pensante. Como aponta Beverly, quando diz que “o subalterno não pode ser representado adequadamente pelo saber acadêmico porque esse saber é uma prática que produz ativamente a subalternidade.”<sup>171</sup>

Rodriguez mantém diálogo direto com o que aponta Silviano Santiago, em seu texto, *O entre lugar do discurso latino americano*, no qual, o crítico refere que a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza onde o elemento híbrido reina. Aponta Santiago:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.<sup>172</sup>

Local esse que acreditamos ser ocupado por Rodrigo S. M. ao tentar contar a história da pobre moça nordestina Macabéa, e mesmo sabendo de seu fracasso enquanto escritor, ele tenta sua última cartada para deixar algo à sociedade.

---

<sup>170</sup> El lugar del subalterno o de la subalternidad, así concebidos, conduce hoy al estudio de la historia em términos de formación de legalidades. La subalternidad se discute ahora a través de los significados de los conceptos de ciudadanías, hegemonias, subordinaciones, sociedad civil, espacio público, y gobernabilidades. A mi ver, esse es uno de los propósitos de los estudios subalternos: reconocer el protagonismo del estado Moderno Europeo como principio ordenador y norma de la historia; de estudiar la historia como escuela política, una disciplina que, una vez institucionalizada como curriculum dentro del sistema de enseñanza, cumple la función de organizar hegemonias (homogeneidades) em la esfera pública de los países centrales, y domínios (heterogeneidades) a través de las elites em los países o espacios periféricos. RODRIGUEZ. *Revista de Investigaciones Literarias y Culturales*, p.41.

<sup>171</sup> BEVERLY. *Subalternidad y representación*, p.23.

<sup>172</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p.26.

Continuando com as observações de Silviano, que contribuem sobremaneira para o nosso livro, a América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo *original*, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Ou seja, encontramos nas palavras de Rodriguez e Santiago, que o subalterno (colônia) está sempre à margem da produção cultural da metrópole pensante (hegemônica).

Santiago resume bem a agonia daqueles que ocupam o lugar a margem e sofrem com a crítica que está atravessada pela força européia e americanista:

Tal discurso reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre de uma outra sem nunca lhe acrescentar algo de próprio; uma obra cuja vida é limitada e precária, aprisionada que se encontra pelo brilho e pelo prestígio da fonte, do chefe da escola. <sup>173</sup>

Voltamos, agora, para o porquê de encarmos Rodrigo S. M. como um intelectual subalterno. Acreditamos que Rodrigo S. M. não alcançou seu lugar desejado, ele ainda está periférico com relação aos escritores da literatura nacional, escreve em um momento histórico de perseguição e repressão, em que existe falta de perspectiva e desamparo intelectual. Podemos evidenciar tal reflexão na seguinte passagem: “[...] ouço passos cadenciados na rua. Tenho um arrepio de medo.” <sup>174</sup> Embora o medo de que Rodrigo fala não o limitou a escrever o que pensava sobre a questão social e cultural que marcava o País no período de regime militar.

Entendemos que o escritor-personagem está fora do cânone, daí o porquê de o caracterizarmos como subalterno, pois se o pensássemos como aquele que está silenciado, a exemplo de Macabéa, estaríamos nos contradizendo. Para nós, Rodrigo fala sobre uma

---

<sup>173</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p.18.

<sup>174</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.20.

subalterna, tenta colocar-se no lugar dela e se limita, humildemente, a “contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.” <sup>175</sup>

Para Rodrigo S. M:

[...] desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito de minha literatura. <sup>176</sup>

Ciente de sua incapacidade de ser um escritor reconhecido, Rodrigo coloca-se no mesmo lugar subalterno que Macabéa ocupa, dizendo: “É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois se reduzira a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim [...]” <sup>177</sup> Continua Rodrigo: “Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens.” <sup>178</sup>

O escritor nos dá a entender que ele também não ocupa um lugar no centro, por extensão, podemos pensar, criticamente, que Lispector procura aludir à temática da escrita feminina, em que a mulher sempre esteve subalterna perante a hegemonia masculina, tanto na literatura nacional quanto mundial. Ao analisarmos a obra por esse prisma, encontramos uma escritora mulher e sem “lacrimejar piegas,” a história da ante-heroína de dezenove anos e sem resquício aparente de novela romântica, é uma história explícita, real, nua e crua, que não permite que ninguém tenha piedade da protagonista. “Só eu, seu autor, a amo.” <sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.21.

<sup>176</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.17.

<sup>177</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.18.

<sup>178</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.21.

<sup>179</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.34.

Nas palavras de Silviano Santiago, a leitura do livro de Lispector pode ser vista “como a mais alta traição ao que a autora tinha inaugurado na literatura brasileira, mas pode também ser dado como uma gargalhada na cara da tradição afortunada.”<sup>180</sup>

Para nós, Macabéa é o exemplo vivo da subalternidade, uma personagem que não tem voz nem lugar em sua própria história e Rodrigo S. M., ao tentar ocupar o posto dessa resistente raça anã teimosa, subalterniza-se a ponto de dizer que não tem lugar na sociedade: “Não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.”<sup>181</sup> Talvez seja por isso que o subalterno nunca poderá ser representado; primeiro, porque o outro não pode ocupar seu lugar e, segundo, porque o subalterno não pode ser representado por um saber acadêmico, pois tal discurso produz ativamente a subalternidade.

Parece-nos que, por toda a narrativa, Rodrigo tenta nos dizer o quanto seu trabalho, enquanto escritor, é falho, passagens como “se minha pobreza permitir, limito-me humildemente.” Talvez por isso mesmo, o escritor-personagem diga: “E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina,”<sup>182</sup> pois ele sabe o quanto é difícil falar por alguém ou tentar representá-lo, diálogo direto com o que propõe os estudos subalternos ao tocar na temática da representação como altamente produtora de subalternidade.

De todo o exposto sobre a temática do posicionamento crítico da intelectual Lispector, o terceiro capítulo, deste livro, explorará a hipótese de que a obra *A hora da estrela* é uma espécie de biografia ficcional da escritora, o que culminará na relação vida *versus* obra, buscando a aproximação e o enfrentamento entre Clarice e suas personagens subalternas, Macabéa e Rodrigo S.M.

---

<sup>180</sup> SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*, p.15.

<sup>181</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.17

<sup>182</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.18.

## CAPÍTULO III

### UMA BIOGRAFIA (AUTO) FICCIONAL DE CLARICE LISPECTOR

[...] se a produção de Clarice Lispector ocupa hoje um lugar indiscutível no cenário da literatura brasileira e mundial, entendemos que tal produção não só nos permite fazer as leituras críticas mais variadas possíveis, como também convida-nos a revisitar, criticamente, a própria crítica a ela instituída. Levando-se em conta, sempre, o fato de que vida e obra se dizem e se completam, mesmo que de forma fluida e escassa, tanto quanto a própria imagem que Clarice procurou nos legar no decorrer e ao cabo de seu projeto literário. NOLASCO. *Restos de ficção*, p. 200.

### 3. Relação vida x obra em *A hora da estrela*

Da vida à obra e do texto da ficção ao texto da vida, a imagem do próprio, tanto da escritora quanto do texto, é rasurada, como forma de lembrar-nos, talvez, de que a propriedade do que quer que seja em Clarice Lispector está sempre aquém da vida e além da ficção. NOLASCO. *Restos de ficção*, p. 200.

No dia 10 de dezembro de 1920, na cidade de Tchetchnik, uma aldeia da Ucrânia, pertencente à Rússia, nasce Haia Lispector, a terceira filha do casal Pinkouss e Mania Lispector, para compor, juntamente com suas irmãs, Leia e Tânia, a família Lispector. O nascimento ocorre durante a viagem de emigração da família em direção à América, uma vez que os pais, judeus que moravam em Savran, decidem emigrar, três anos após a Revolução Bolchevique, de 1917, acudados por sucessivas guerras internas e constante perseguição anti-semita.

Em março de 1922, a família Lispector chega ao Brasil, trazida pelo navio *Cuyabá*, à cidade de Maceió. No Brasil, adotam novos nomes por iniciativa do pai Pinkouss, e Haia passa a ser chamada de Clarice. É oportuno contar um pouco da história do primeiro nome de Lispector para, daí, mais adiante, traçar algumas reflexões importantes sobre *A hora da estrela*.

Haia, em hebraico, significa vida ou clara e que, de acordo com Nolasco:

A pequena que nascera trazia em seu nome a esperança de um futuro melhor para a família judia que emigrava pelo mundo e também a promessa de curar a mãe de doença. Se a esperança se cumpriu com a família chagando e se instalando em terras brasileiras, o mesmo não aconteceu com a mãe, que fica cada vez mais enferma, vindo a falecer poucos anos depois.<sup>183</sup>

Observa-se, ainda na esteira de Nolasco, que Lispector sempre procurou ocultar tal informação sobre seu nome, a escritora “procurou, a todo custo, esconder sua condição de judia,

---

<sup>183</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.17.

ou, pelo menos, não tratou da questão; evitou, o quanto pode, falar de sua mãe, como forma de esconder seu estrangeirismo.”<sup>184</sup> Entretanto, cremos que nada disso adiantou, pois, como mostraremos neste capítulo, a relação vida x obra fica latente na escrita de Lispector, no qual, “o fato de pertencer àquele passado fez com que o mesmo continuasse ensombrando sua vida e sua escrita, por meio de algumas imagens e gestos da autora que acabaram tendo efeito contrário.”

185

Para entender melhor as facetas que compõem o trabalho de Lispector na produção da obra e, por extensão, confirmar nossa hipótese de que *A hora da estrela* corresponde à biografia autoficcional da autora, recorreremos ao que a teoria da crítica biográfica tem a nos dizer.

Diana Klinger, em seu livro *Escritas de si, escritas do outro* (2007), explora o termo a *escrita de si*, termo esse elaborado por Foucault, correspondendo não apenas a um registro do eu, “mas que *constitui* o próprio sujeito, *performa* a noção de indivíduo”.<sup>186</sup> Contudo, o caminho para esse autoconhecimento não é o da história, pois como afirma Michael Foucault, “a história nos cerca e delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos.”<sup>187</sup>

Continuando com as contribuições de Klinger, é necessário atentar para o fato de que toda contemplação da vida está ligada a uma rede de relações sociais, por essa razão, a *escrita de si* passa, necessariamente, pela escrita do outro. Deve-se entender que apesar de um relato expressar uma época e uma sociedade, ele não é capaz de compor uma identidade; por outro lado, não é possível se pensar um eu solitário, fora de sua rede de comunicação.

---

<sup>184</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.18.

<sup>185</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.18.

<sup>186</sup> KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p.26

<sup>187</sup> DELEUZE. *Conversações*, p.119.

Miguel Chaia, no artigo “Biografia: método de reescrita da vida,” aponta que “a expressão artística, na qual o sujeito tenciona ao máximo a individualidade para compreender a realidade, a si mesmo e ao outro, configura-se como a mais contundente possibilidade biográfica.”<sup>188</sup> Portanto, a realização de biografias, do ponto de vista cultural, pressupõe uma rede de relações sociais.

Daí podermos dizer, nessa relação vida x obra, que uma se constitui enquanto tal imitando a outra, porque ambas nada mais são do que “tecidos de signos” imaginariamente criado e vivido.<sup>189</sup> Barthes afirma, ainda, que o romancista inscreve-se em sua ficção como uma personagem desenhada em sua escrita, fazendo de sua vida uma “fábula concorrente com a obra.”<sup>190</sup> Por essa perspectiva, acreditamos, na esteira de Nolasco, que fazer da vida uma fábula concorrente com a obra é mais do que ler a vida da escritora Lispector como um texto (“biografia”), mas perceber o valor em si de vida e obra e lê-las simultaneamente.

Se, em um primeiro momento, Clarice tenta esconder o traço biográfico, como havíamos dito, ao longo de sua obra acontece o oposto, “agora é o ficcional que vai ficar colado ao vivido,” até mesmo confundindo-se com ele. Edgar Nolasco afirma que:

A autora não só fez de sua vida matéria para a ficção, como se tornou, de forma singularíssima, seu próprio tema ficcional. Muitos de seus textos, por exemplo, vão ter como pano a memória da infância vivida, e de suas reminiscências para a construção de sua ficção. Nessa visita ao passado, tentativa vã de reconstituir fatos que ficaram perdidos na sua história pessoal, ficcionaliza extrapolando, em muito, os limites do acontecido.<sup>191</sup>

Nesse sentido, Eneida Maria de Souza constata que:

---

<sup>188</sup> CHAIA. *Biografia: método de reescrita da vida*, p.80.

<sup>189</sup> BARTHES, *apud* NOLASCO. *Restos de ficção*, p.22.

<sup>190</sup> BARTHES, *apud* NOLASCO. *Restos de ficção*, p.22.

<sup>191</sup> NOLASCO. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*, p.78 - 79.

Ao se considerar a vida como texto e suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção.<sup>192</sup>

É a partir dessa experiência de vida que salta aos olhos na escrita de Lispector que procuramos apresentar como a construção da biografia ficcional da autora, almejando, assim, contar a história da pobre moça Macabéa e seu idealizador Rodrigo S. M., na história da escritora Clarice Lispector.

Logo de início, deparamo-nos com Rodrigo, justificando como conhecia a história da pobre moça Macabéa: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.”<sup>193</sup> E continua trazendo à tona uma referência biográfica: “Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo.”<sup>194</sup> Podemos encontrar, aí, a tentativa de Lispector de esconder seu passado humilde enquanto filha de imigrantes no Nordeste brasileiro, mas ela nos deixa escapar isso se levarmos em consideração sua biografia, como já exposto no início.

Em outra passagem:

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo [...]<sup>195</sup>

Percebemos, por essas palavras, que Lispector procura buscar, em sua memória, em seu passado, dentro de suas relações mais íntimas, as informações necessárias para construir a narrativa da pobre moça, que, por hora, tentou esconder durante sua produção, mas que, em *A*

---

<sup>192</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.119 - 120.

<sup>193</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.12.

<sup>194</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.12.

<sup>195</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.14.

*hora da estrela*, emergiu como uma válvula de escape. De acordo com Rodrigo: “O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo.”<sup>196</sup> Assim, é por meio da escrita biográfica que a ficção produz a vida de um escritor ou permite que esta seja relida na ficção. E os traços biográficos que constituem a vida do escritor são de extrema importância, devendo ser tomados como parte desse conjunto que redesenha vida e obra.

Em um trecho de uma carta de Lispector, ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, de 3 de junho de 1942, ela solicita dispensa do prazo de um ano que se exigia para a obtenção da naturalização:

Quem lhe escreve é [...] Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo, mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo.<sup>197</sup>

Lispector continua, afirmando que “o que tudo fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil.”<sup>198</sup> Daí podermos observar o quanto a temática nacional sempre ocupou lugar de destaque na produção da escritora, a exemplo da seguinte citação:

Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir "arte", senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer” alguma coisa contra a injustiça social, (como se escrever não fosse fazer), por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele e, sem me surpreender não consigo escrever.<sup>199</sup>

---

<sup>196</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.19.

<sup>197</sup> LISPECTOR, *apud* Gotlib. *Clarice fotobiografia*, p.147.

<sup>198</sup> LISPECTOR, *apud* Gotlib. *Clarice fotobiografia*, p.147.

<sup>199</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.25.

Com base no exposto, Edgar Cézar Nolasco lembra-nos que “a literatura de Clarice erige-se apontada para a insatisfação do mundo. Movida por uma técnica pessoal, a linguagem clariciana tenciona a realidade, no sentido de se exaurir dentro do texto.”<sup>200</sup> Na esteira de Nolasco, Rodrigo e Lispector nos dão a entender que Macabéa é a própria “realidade”, sem enfeite nenhum. A realidade nua e crua exposta em uma obra singular que fecha o projeto literário de Lispector e nos faz enxergar as mazelas sociais de nosso País. Daí compreendermos a necessidade, quase desesperada de Rodrigo S. M., quando diz precisar falar da nordestina, senão sufocaria, já que ela o acusa e o meio de ele se defender é escrever sobre ela. De acordo com Antonio Candido, “a brutalidade da situação é transmitida pela brutalidade do seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que, assim, descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada.”<sup>201</sup>

Percebemos que, ao criar Macabéa para se mostrar, Rodrigo S. M. tira tudo de si e enfatiza sua decadência enquanto ser social. É aí que encontramos a sobreposição de autorias, igualmente empregada para colocar em evidência aquele que fala e, por sua vez, denunciando sua perspectiva ou o lugar dessa fala.

Mais do que expor as mazelas da sociedade, o discurso de Lispector está preocupado em tocar na ferida aberta desse País, onde há milhões de brasileiros que estão em condição de penúria e abandono e, por extensão, como essas pessoas foram retratadas na literatura.

Como já dito anteriormente, Lispector sempre procurou esconder seu traço estrangeiro ou, talvez, de alguém “fora do lugar”, mas, ao retomarmos a relação intrínseca existente entre a personagem Macabéa e a família de Lispector, podemos vê-la como uma alegoria do passado sofrido da família da escritora. A travessia retirante de Macabéa espelha, de forma especular,

---

<sup>200</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.45.

<sup>201</sup> CANDIDO. *A educação pela noite*, p.212.

tanto a travessia bíblica dos Macabeus,<sup>202</sup> quanto a travessia pessoal da própria escritora Clarice Lispector, reconhecemos que a travessia biográfica da escritora já se encontra, historicamente falando, dentro da travessia dos judeus/macabeus, ou seja, enfatizamos que o livro, *A hora da estrela* (1977), pode ser lido como a biografia ficcional da escritora, posto que sua narrativa traz, em pano de fundo, a história da família Lispector metaforizada na história dos foragidos macabeus judeus, exemplo da passagem: “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta.”<sup>203</sup> Poderíamos estender tal fotografia, para a fotografia da vida de Lispector, fotografia do real, de uma imagem nua e crua da sociedade brasileira, diria mais, de um auto retrato da pobreza do povo brasileiro. De acordo com Rodrigo S. M.: “Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que copiar.”<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Ver BÍBLIA SAGRADA, p.855-511: Macabeus (livro I e II)

<sup>203</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.16-17.

<sup>204</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.17.

### 3.1 Rodrigo S.M. é Macabéa que é Clarice Lispector

[...] meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, p.19.

Continuemos, agora, com mais uma questão: Em que medida Rodrigo S. M. é Macabéa que, por sua vez, é Clarice Lispector? Para responder tal questionamento, recorreremos aos livros de Edgar Cezar Nolasco, intitulado *Caldo de Cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector* e *Clarice: uma vida que se conta*, de Nádia B. Gotlib que nos ajudam a refletir melhor sobre o *bio* de Lispector.

Em *A hora da estrela*, salvo as poucas diferenças, vemos que a escritora constrói o seu próprio retrato bioficcional. Tal retrato é constituído de uma face dupla; uma, representada por Rodrigo S. M. e, a outra, o reflexo de Macabéa, ou seja, é a própria Lispector se tecendo e destecendo por meio das biografias do autor-narrador-personagem e da anti-heroína. Nas palavras de Dalcastagnè, trata-se de uma espécie de “testamento literário, que estreita as fronteiras entre criação e vida a partir de um posicionamento ético.”<sup>205</sup> Nolasco, ao tratar do posicionamento do crítico literário contemporâneo, aponta que:

O crítico biográfico não é aquele que decifra o enigma do texto, ou do autor, mas aquele que sabe articular o texto com o paratexto, a ficção com a não-ficção, a obra com a vida e vice-versa, na tentativa detetivesca de alargar a produção daquilo a que chamamos leitura. A escrita do imaginário biográfico relembra os fatos da vida em seu processo e os reinventa, dando a eles uma marca de verdade até então não percebida.<sup>206</sup>

Ao tratarmos de crítica biográfica, não poderíamos deixar de lado as contribuições de Eneida Maria de Souza, que se encontram no texto “Notas sobre a crítica biográfica”, de acordo

---

<sup>205</sup> DALCASTAGNÈ. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*, p.36.

<sup>206</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.88.

com Souza, “a crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção.”<sup>207</sup>

Para Souza, os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáfora e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido. Dessa forma, ao se considerar a vida como texto e suas personagens como figurantes desse cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá, certamente, responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção.

Na esteira de Souza, a articulação entre obra e vida desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais. Os limites provocados pela leitura de natureza textual são equacionados em favor do exercício de ficcionalização da crítica. Em suma, a crítica biográfica ocupa um entre-lugar (teoria/ficção-documento/literatura), que permite que se construa a biografia ficcional do autor, feita pelo leitor, que não deixa de ser do leitor, sendo esse nosso objetivo com relação à obra *A hora da estrela* de Lispector.

De acordo com Nolasco, o fato de o livro *A hora da estrela* ter, por escritor-narrador, o autor Rodrigo S. M., logo de início, remete-nos para a figura da escritora Clarice Lispector, uma vez que o livro traz uma “dedicatória do autor” (na verdade, Clarice Lispector) que metaforiza a relação entre ambos. Para representar tal relação, inicialmente, Nolasco escolhe a expressão “nós somos um”, na qual se pode observar que, se nós somos um, logo Rodrigo S. M. é Clarice Lispector, que é Macabéa metaforicamente.

---

<sup>207</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.111.

Tal expressão também pode ser relacionada a um *slogan* já utilizado por nosso governo, “Brasil um país de todos”. Como já levantado o debate, encontramos, ocupando o posto mais alto de nosso País, alguém que, um dia, já passou fome, que saiu de um lugar subalterno e alcançou o seu direito ao grito. Por essa perspectiva, cada cidadão, que também está à margem da sociedade, pode se ver representado na figura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva; logo, se o Brasil é um País de todos, todos somos um na figura do presidente. Todavia, estamos cientes da diversidade partidária que constitui nossa sociedade e a oposição existente entre elas, e que nossa leitura procura não fazer alusão a favor ou contra a política do País e, embora esse debate nos agrade, não teríamos como explorá-lo com a profundidade que ele merece neste momento.

Nas páginas iniciais de *A hora da estrela*, momento em que o narrador se prepara para começar a contar a história de Macabéa, Rodrigo S. M. nos apresenta um retrato mal falado de sua figura, enquanto escritor, intelectual. O escritor-personagem começa por apresentar-se dizendo que, “em menino, se criou no Nordeste,”<sup>208</sup> como também Macabéa e Olímpico. Daí nossa primeira relação que une Lispector e seus personagens, uma vez que é sabido que Lispector e sua família vieram para o Brasil e passaram parte da vida no nordeste. Segundo Lispector:

E a história é a seguinte: nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. [...] De Kichinev a Galatz a Bucarest, de Bucarest a Budapest, os prazos de permanência se esgotando, e, agora, não só dos Estados Unidos, como também do Brasil, para onde haviam apelado, tardavam as cartas de chamada[...] As cartas do Brasil vieram, afinal.<sup>209</sup>

---

<sup>208</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.18.

<sup>209</sup> LISPECTOR, *apud* GOTLIB. *Clarice fotobiografia*, p.34-43.

Ao tratar da família de Lispector, lembramos, biograficamente, que a própria escritora teve uma infância difícil, não que tenham passado fome, mas, em virtude de melhores condições de trabalho para o pai, a família se mudou para Recife e, mais tarde, para o Rio de Janeiro. Não obstante, lembramos que essa é a mesma trajetória da personagem Macabéa que, assim que perde os pais no sertão de Alagoas, muda-se com a tia beata para Maceió, vindo, mais tarde, para o Rio de Janeiro. Temos, aqui, o ponto de partida para a construção da biografia ficcional de Lispector.

Não é escusado lembrar que, no prefácio da obra, escrito por Eduardo Portella, encontramos o seguinte questionamento: “Devemos falar de uma nova Clarice Lispector, “exterior e explícita”, o coração selvagem comprometido nordestinamente com o projeto brasileiro?”<sup>210</sup> Tal questionamento nos permite observar, na esteira de Portella, que Lispector sempre foi uma escritora brasileira, capaz de transpor o simplesmente figurativo ou apenas o folclórico, e pedir um “Brasil desde dentro,”<sup>211</sup> em que “a narrativa de agora se amplia numa alegoria regional, que é também a alegoria da esperança possível.”<sup>212</sup> Esperança, essa, que move centenas de milhares de pessoas, aquela *resistente raça anã teimosa*, a deixarem sua terra para tentar a sorte no *ambicionado clã do sul do país*. Assevera as palavras de Portella a afirmação de Lispector em entrevista ao Museu da Imagem e do Som no dia 20 de outubro de 1976, ao falar de Macabéa: “[...] ela é nordestina e... eu tinha que botar para fora um dia o nordeste que eu vivi.”

213

Edgar Cezar Nolasco resume de forma pertinente o que objetivamos apresentar:

No início de seu projeto literário, o ficcional seria o lugar onde o traço biográfico se escondia; no decorrer desse projeto acontece justamente o oposto: agora é o ficcional

---

<sup>210</sup> PORTELLA, *apud* LISPECTOR. *A hora de estrela*, p.9.

<sup>211</sup> PORTELLA, *apud* LISPECTOR. *A hora de estrela*, p.9.

<sup>212</sup> PORTELLA, *apud* LISPECTOR. *A hora de estrela*, p.9.

<sup>213</sup> LISPECTOR, *apud* GOTLIB. *Clarice fotobiografia*, p.439.

que vai ficar “colocado” ao vivo, confundindo-se com ele. O vivo passa a ser ficção.  
214

O pesquisador afirma que, em se tratando de Clarice Lispector, não se pode esquecer do fato de que ela fez de sua vida matéria para sua ficção. Em carta, à própria autora, sobre o livro *Água viva* (nessa época intitulado *Objeto gritante*), José Pessanha observou:

E, se como você mesma sabe, fazer literatura nunca significou para você o que geralmente significa para o literário “profissional” – é seu modo de sobreviver adiando abismos, como Xerazade que inventa histórias para adiar com palavras as ameaças – aquela inerência do escrito ao vivo talvez crie impasses de que você terá que ter consciência para superar (quer do lado vivo, quer do lado da atividade literária).<sup>215</sup>

Continua Pessanha: “Tento me explicar melhor: você se transcendia e se ‘resolvia’ em termos de criação literária: agora a ‘literatura’ desce a você e fica (ou aparece) como imanente ao seu cotidiano; você é seu próprio tema”. Dialoga com as palavras de Pessanha, a biógrafa Nadia Gotlib, quando aponta que: “embora afirme não ser essa a sua intenção, insere, também, um passado seu, inclusive literário, através de textos diversos que já produziu e publicou anteriormente: contos, crônicas, capítulos ou trechos de romance.”<sup>216</sup>

Podemos entender perfeitamente porque o narrador carrega consigo toda a culpa do mundo. E por que ele não consegue nunca se afastar do seu personagem central, a moça, ou de seu personagem predileto, a morte, culminando com aquela constatação final, onde os três se reúnem e se abraçam para sempre: “A moça me matou.”<sup>217</sup>

Dessa forma, vemos que, tanto a escritora Lispector, Rodrigo S. M. e Macabéa ocupam um lugar ainda à margem da cultura hegemônica, como já levantamos anteriormente. Tomando as palavras de Santiago, encontramos: “o escritor latino-americano nos ensina que é preciso

---

<sup>214</sup> NOLASCO. *Restos de ficção*, p.78.

<sup>215</sup> PESSANHA, *apud* NOLASCO, *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*, p.24.

<sup>216</sup> GOTLIB. *Clarice: uma vida que se conta*, p.375.

<sup>217</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 27.

libertar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural.”<sup>218</sup>

De todo o exposto, Clarice Lispector, com sua última produção, vira do avesso seu projeto anterior tradicional e moderno, por excelência, voltando-se contra qualquer visada de binarismo hegemônico, centrada na lógica do sistema dominante imperante. Pelo contrário, a luta que embasa o projeto intelectual da escritora Clarice Lispector e do escritor Rodrigo S. M., bem como de todos seus respectivos personagens, principalmente de Macabéa e de Olímpico de Jesus, dá-se atravessada por uma lógica de dominação e subordinação, contradição e negação que marca as identidades como subalternas.

Podemos dizer que, em *A hora da estrela*, a autora assinala o problema social dicotômico entre elite/subalterno, subalternidade e hegemonia, propondo uma discussão crítica da sociedade e da cultura brasileira como um todo, ao invés de tentar transcender, ou escamotear tal problema.

É perfeitamente entendível o que diz Spivak, embora, de nosso ponto de vista, hoje, no mínimo discutível, principalmente quando se leva em conta a heterogeneidade latino-americana. Talvez a proposição da crítica indiana se aplique melhor à realidade cultural e social da Índia. Mas, em se tratando da América latina, múltipla, heterogênea, misturada etc., queremos arguir que, na verdade, ainda não se deu conta de entender, de *escutar* as diferenças culturais, raciais, linguais, que pululam e embaralham qualquer conceito, inclusive o de subalternidade, formalizado a *priori*. Nesse tocante, deve-se levar em conta que a própria crítica latino-americana, às vezes, apresenta-se preconceituosa e sumariamente excludente, principalmente quando não leva em consideração as diferenças de línguas, de países e suas respectivas produções culturais na formalização dos conceitos que melhor nos auxiliariam a pensar a *própria* América Latina.

---

<sup>218</sup> SANTIAGO. *Literatura nos trópicos*, p.26.

## **CONCLUSÃO**

A hora do subalterno na cultura brasileira

É preciso que se ouça o grito contido no silêncio.  
Eduardo Portella, *apud* LISPECTOR, *A hora da estrela*, p.11.

Mais de 30 anos se passaram e a literatura de Lispector ainda tem muito a contribuir, tanto para a teoria literária quanto para a reflexão de nossa cultura. Mesmo ao tratarmos de uma escritora canônica, pertencente ao seleto grupo de escritores de nosso País, objetivamos, aqui, dar nossa contribuição para uma nova leitura diante de uma obra magistral. Talvez fosse necessário aguardar o tempo que se passou entre a morte de Lispector, a publicação do livro em 1977 e o fim do regime militar, para que as pessoas pudessem ver na obra da autora o seu posicionamento crítico com relação ao contexto.

Como vimos, na esteira do Grupo de Estudos Subalternos Sul Asiático e do Grupo Latino Americano, os Estudos da subalternidade correspondem a uma visada teórica que procura dar voz e lugar àqueles que estão excluídos da cultura hegemônica ou fora do mundo letrado. O que chamamos a atenção, para este livro, não é apenas o fato de o subalterno não poder falar, mas de ele não poder falar tudo o que pensa, ou que gostaria de dizer. Daí os Estudos da Subalternidade nos auxiliarem a refletir sobre uma mudança política e teórica que, realmente, represente o povo, o subalterno.

Levantamos o questionamento de até que ponto o subalterno é ouvido e reconhecido em nossa literatura, e até que ponto o intelectual tem o direito de representar seres marginalizados como eles se a sociedade em si não os ouve. Acreditamos que, mesmo tratando de subalternidade, não podemos produzir a subalternidade e, ao mesmo tempo, nossa língua não pode ser subalterna diante do colonialismo teórico europeu e americanista que tem dominado nosso pensamento.

Dessa forma, acreditamos que a contribuição dos estudos da subalternidade nos ajude a romper com a barreira histórica de uma hegemonia intelectual europeia que tem dominado a cultura nacional e sul-americana e, por sua vez, aqueles que estão à margem do mundo letrado possam ser ouvidos e seus lugares reconhecidos.

Mas até que ponto reconhecemos o subalterno em nossa cultura? Será que realmente ouvimos o seu balbúcio diante da pressão cotidiana que nos envolve? Questões como essas estampam o quanto a obra de Lispector nos possibilita refletir sobre nosso papel enquanto atuentes sociais e até onde cumprimos esse papel. Ao expor a precariedade da vida de Macabéa e Olímpico, Lispector expõe nossa mesquinhez diante daqueles que estão à margem da sociedade e o quanto somos subalternos frente àqueles que realmente questionam o *status quo*.

Podemos, aqui, trazer o contexto nacional para refletir sobre tais questionamentos levantados. Em primeiro plano, tivemos um regime militar que ditou normas e procurou controlar a produção intelectual da nação; em segundo plano; encontramos uma obra que representa a miséria e a subalternidade do povo brasileiro diante de sua incapacidade de viver em um País todo feito contra o pobre, marginalizado.

*A hora da estrela* representa a hora de encararmos o subalterno brasileiro, e sua cultura, expondo as barreiras da hegemonia cultural dominante e dando voz ou, pelo menos, abordando a temática em um contexto social tão deturpado. De acordo com Lispector: “[...] ouço passos cadenciados na rua. Tenho um arrepio de medo.”<sup>219</sup>

Coube a Lispector revelar, por meio de sua própria história de vida, a história daqueles que estão à margem da sociedade, sujeitos sociais concretos, mas que passam despercebidos por aqueles que não podem enxergá-los, por estarem preocupados demais com seus afazeres.

---

<sup>219</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.20.

Sujeitos subalternos, como Macabéa, “que na certa está tão viva como eu” <sup>220</sup> e podem ser encontrados nas ruas, debaixo de pontes e sinais de trânsito, pedindo um pouco de dignidade. Dessa forma, não é à toa que Lispector faz um pedido: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza.” <sup>221</sup>. Esperamos que tal pedido seja ouvido pelos governantes de nosso País para que, um dia, o grito do subalterno seja ouvido.

De todo o exposto, procuramos discutir o conceito de subalternidade pela perspectiva teórica proposta pelo Grupo Sul-Asiático e compartilhada pelo Grupo Latino-Americano de estudos da subalternidade. Explanamos sobre a origem, desenvolvimento e objetivos dos estudos da subalternidade e, por sua vez, procuramos contribuir para a formação de uma fonte bibliográfica para futuras pesquisas, pelo menos no âmbito da crítica brasileira sobre o assunto, uma vez que só muito recentemente discute-se sobre tal conceito. Passamos, também, pelo questionamento proposto por Spivak, em seu texto, “Os subalternos podem falar?”, e chegamos à resposta que não, uma vez que o subalterno não consegue falar porque ele não pode, visto estar silenciado diante da hegemonia cultural dos países que parecem, ainda, desenvolver um colonialismo teórico diante dos países sul-americanos.

Ao tratarmos do intelectual Rodrigo S. M., personagem esse que narra a história da pobre nordestina Macabéa, nós o posicionamos como um subalterno. Subalterno porque falava de um lugar à margem, estava em um entre-lugar, pois, de acordo com ele mesmo, não foi capaz de escrever uma obra reconhecida pelo cânone.

Procuramos contribuir para uma concepção que toma a produção intelectual de Lispector, não mais como “alienada” e “hermética”, mas, sim, como uma escritora que cumpriu seu papel

---

<sup>220</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.19.

<sup>221</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.19.

social e cultural, transformando-se em uma intelectual muito além de seu tempo, pois, “de fatos não há como fugir.” <sup>222</sup> Em virtude de seu posicionamento crítico, a intelectual contribuiu para a desmitificação e dissolução de ideologias utópicas com relação ao intelectual brasileiro e latino-americano, vislumbrando, dessa forma, uma nova visão sobre o perfil de intelectual, na contemporaneidade.

Por fim, exploramos a hipótese de que a obra *A hora da estrela* é uma espécie de biografia ficcional da escritora Clarice Lispector, uma espécie de “testamento literário” nas palavras de Dalcastagnè, o que culminou na relação vida *versus* obra, aproximando o enfrentamento entre a escritora e suas personagens Macabéa e Rodrigo S. M.

É oportuno dizer que Lispector, enquanto intelectual, esteve na condição e lugar de exilada e marginalizada, pois suas produções culturais não respondem *à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção*, como aponta Edward Said. A escritora descentra o posto, a posição classista e elitista que a figura do intelectual sempre ocupou na sociedade, aceitando o desafio de abrir mão do lugar confortável resguardado pela tradição literária ao intelectual e apresentar-se num lugar de margem. “Como é ruim ser paciente, como eu tenho medo de ser uma “escritora” bem instalada, como eu tenho medo de usar minhas próprias palavras, de me explorar...” Afirma Lispector.

Ao concluir esta dissertação, retomamos as palavras de Rodrigo S. M., ao dizer que sabe da história de Macabéa por estar vivendo, pois, quem vive, sabe, mesmo sem saber: “assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.” <sup>223</sup> Ou seja, ele cobra de seu interlocutor-leitor e, por extensão, da sociedade como um todo, por saber da existência dos marginalizados e por fingir que não sabe que eles existem.

---

<sup>222</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.16.

<sup>223</sup> LISPECTOR. *A hora da estrela*, p.18.

Para Portella, *A hora da estrela* é:

[...] o corte grotesco- humano, demasiado humano, tão humano que dói- expôs sem complacência as lesões que a moça alagoana trazia no corpo e na alma. O retrato sem retoque é a decidida renúncia ao sublime. O nordeste só conheceu o sublime nas bandejas de prata dos banquetes coloniais. <sup>224</sup>

Dessa forma, encontramos uma Clarice Lispector consciente de seu processo criativo e do contexto social e cultural em que se insere, uma vez que a autora não poderia ignorar como nunca ignorou os rumos da ficção brasileira atravessados por um contexto de desamparo intelectual e falta de perspectivas, em virtude da opressão militar.

De acordo com Nolasco:

[...] com esse último “livrinho” publicado em vida a intelectual Clarice Lispector passa a limpo a aula inaugural sobre o Brasil antes proferida por intelectuais de valor indiscutível como Mario de Andrade, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. É do Brasil e de suas mil e uma misérias, marcado por diferenças sociais gritantes e classe cultural excludente, que ela profere seu grito tímido mas ousado. <sup>225</sup>

Concluimos que, mesmo tendo de se transvestir de escritor homem - Rodrigo S. (substantivo) M.(masculino), <sup>226</sup> e alegar que *escritora mulher pode lacrimejar piegas*, Lispector alcança o seu direito ao grito, trazendo, na agenda, a lembrança de que Macabéa não pertencia ao ambicionado clã do sul do País, mas que, apesar de tudo, pertencia a *uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito*. Ao dar vazão e voz a figuras subalternas e marginais, em outras palavras, a figuras excluídas da sociedade e da cultura dominante, *A hora da estrela* alegoriza a ornamentação que ilustra o enredo do desenvolvimento da condição sociopolítico cultural do País.

---

<sup>224</sup> PORTELLA, *apud* LISPECTOR, *A hora de estrela*, p.11.

<sup>225</sup> NOLASCO. *Caldo de cultura*, p.70.

<sup>226</sup> Silviano Santiago foi quem primeiro chamou a atenção para tal denominação.

Contudo, até onde o subalterno pode ser representado? Ou, até que ponto ele quer ser representado? uma vez que, retomando as palavras de Spivak, *subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é*.

Questionamentos como esses servem como mote para o desenvolvimento de futuras pesquisas e estampam o quanto a obra clariciana tem a nos oferecer. Pretendemos, no entanto, que o nosso trabalho tenha sido útil para elucidar questões inerentes aos estudos da subalternidade e, por extensão, à obra de Lispector. Talvez, seja essa uma das novas perspectivas que permita entender melhor o pensamento contemporâneo, o multiculturalismo, hegemonia cultural e, assim, repensar o lugar do *outro* em nossa sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### 1) DO CORPUS LITERÁRIO BÁSICO

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

### 2) SOBRE A AUTORA

DALCASTAGNÉ, Regina. Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela* de Clarice Lispector. In: *Revista de crítica literária latino-americana*. Lima-Hanover, nº51, p. 83-98, 2000.

\_\_\_\_\_. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2005.

GINZBURG, Jaime. Clarice Lispector e a razão antagônica. In: Rita Schmidt (Org.) *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Clarice fotobiografia*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

NOLASCO, Edgar Cezar. *Restos de ficção: a criação biográfico literário de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.

\_\_\_\_\_. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

UMBACH, Rosani. Em busca de Christa T. e *a Hora da estrela*: A escrita como tema. In: *Expressão-Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria, UFSM, p.117-120, jul-dez. 2001

### 3) BIBLIOGRAFIA GERAL

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación: debates em teoria cultural*. Tradução de Mayrlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Editora Ática, 1989.  
\_\_\_\_\_, *Literatura e sociedade*. 8ªed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. In: *Horizontes Antropológicos*. v.7. n.15, julho. Porto Alegre, 2001.

CHAIA, Miguel. Biografia: método de reescrita da vida. In: HISGAIL, Fani (org). *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hackers editores: Cepusc, 1996, p.75 – 82.

COELHO, Eduardo Prado. Novas configurações da função intelectual. In: MARGATO, Izabel, GOMES, Renato Cordeiro. (Org.) *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finattec, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARRAMUÑO, Florência. *La cultura como margem*. In: MARGENS/ Márgenes. Revista de Cultura, n.2, p.34-41, dez. 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUHA, Ranajit. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Selected Subaltern Studies*. New York. Oxford University Press, 1988.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LATIN AMERICAN SUBALTERN STUDIES GROUP. Founding Statement. In: *Boundary 2*, Duke University Press, 1993.

MATTOS, Patrícia Junqueira. *O perfil do escritor pós-moderno Silviano Santiago*. 2008, 152 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.

MENCHÚ, Rigoberta. *I, Rigoberta Menchú: An Indian Woman in Guatemala*. Translation Ann Wright, London, 1984.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais*. Tradução de Eliana Lorenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NOLASCO, Edgar César. Para onde os pássaros devem voar depois do último céu? In: *RAÍDO*-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Dourados, v.2, n.3, jan.-jun. 2008.

PONTIERI, Regina. (Org.) *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.

RODRÍGUEZ, Ileana. *The Latin American Subaltern Studies Reader*. Durhan and London: Duke University Press, 2001.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. Tradução de Rúbia Prates Goloni e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução de Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Augusto Santos. Podemos dispensar os intelectuais? In: MARGATO, Izabel, GOMES, Renato Cordeiro. (Org.) *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA, Notas sobre a crítica biográfica. In: *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary and GROSSBERG, Lawrence, eds. *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago Press, 1988. p. 271-313.

SPIVAK, Gayatri. Deconstructing Historiography. In: GUHA, Ranajit. (org.) *Subaltern Studies IV: Writings on South Asian History and Society*. Tradução de Ana Rebeca Prada e Silvia Rivera Cusicanqui Delhi, Oxford University Press, 1985, p. 330-363.